

O pitoresco lago Titicaca, importante via
de comunicação entre o Peru e a Bolívia



EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N. 6

CEMITÉRIO DE COMBATENTES DOS ESTADOS UNIDOS NA FRANÇA



Novos Objetivos para as Américas

ASSENTADAS NA HISTÓRICA CONFERÊNCIA DO MÉXICO AS BASES PARA UM CONTINENTE MELHOR

As nações americanas, intimamente ligadas pelo elo de históricas decisões tomadas na Conferência do México sobre os problemas da guerra e da paz, encetam uma era sem precedentes de ação conjugada internacional. É um eloqüente exemplo que aproveitará ao mundo na realização do ansiado anelo de seus povos por uma existência que se cristalize na segurança e no progresso social para todos.

Proeminentes estadistas de vinte repúblicas americanas reuniram-se no belo castelo de Chapultepec em sessões re-passadas de extrema franqueza e operosidade, durante mais de duas semanas, lançando as bases da estrutura da colaboração social, econômica, política e militar que promete abrir novos e imensuráveis horizontes para o Novo Mundo.

Ao mesmo tempo, os ministros de Exterior e outros representantes reunidos na capital mexicana manifestaram seu apoio à organização do sistema de segurança universal, assunto que seria das cogitações de todas as Nações Unidas convocadas para reunirem-se poucas semanas depois, em San Francisco da Califórnia.

Seguindo de avião para a Cidade do México, depois de assistir à conferência da Criméia, entre o Presidente Roosevelt, o Primeiro-Ministro Churchill e o Marechal Stalin, o Sr. Edward R. Stettinius, Jr., Secretário de Estado dos Estados Unidos, levou aos delegados das Américas as primeiras informações sobre o resultado da reunião de Yalta e das decisões tomadas pelas três maiores potências aliadas quanto a seus futuros objetivos. A despeito das preocupações relativas ao período de reajustamento de após-guerra, os delegados à conferência interamericana consideraram de valor transcendente a necessidade da vigorosa prossecução da guerra até a derrota da Alemanha e do Japão. Em nome de seus respectivos governos os delegados deram todas as garantias de colaboração com as Nações Unidas em seus esforços para alcançar o fim colimado da vitória militar.

Reunindo-se num dos momentos mais decisivos na história do mundo, quando as armas aliadas iam avançando resolutamente, de vitória em vitória, na Europa e na Ásia, as nações americanas, por seus representantes no conclave da capital mexicana, delinearam o curso de ação a ser seguido pelo hemisfério em todos os setores do progresso humano a bem das gerações vindouras.

Na nova Carta Econômica das Américas, na Declaração dos Princípios Sociais e na Declaração do México, produziram documentos que permanecerão como históricos orientadores das aspirações humanas e dos progressos da civilização. Através do Pacto de Chapultepec e de outros acordos de caráter político e militar, fortaleceram pela sua ação conjugada, todo o sistema da cooperação interamericana para garantir as nações do Novo Mundo contra qualquer perigo que

(Continúa)

O Presidente do México, General Manuel Avila Camacho (em cima, à esquerda), recebendo os delegados à conferência

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, cidade de Nova York, Estados Unidos da America. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da America do Norte, a 8 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879. Ano 4, Número 6. Copyright 1945 by Business Publishers International Corporation —propriedade literária registrada em 1944 pela Business Publishers International Corporation.



possa ameaçar a sua soberania e integridade política. Os importantes acordos e outros resultados da conferência assim se enquadram em suas classificações principais:

1. Medidas intensificadas de colaboração durante a guerra na luta comum contra o Eixo; maior ação cooperativa atinente a eliminar todo vestígio da influência nazista no hemisfério; prevenir que qualquer criminoso de guerra exista encontre refúgio nas Américas e proteger as nações americanas contra qualquer futura penetração subversiva.

2. Aprovação das propostas apresentadas na Conferência de Dumbarton Oaks como base apropriada para ser discutida, na Conferência de San Francisco, ao elaborar-se a magna carta da organização relativa à segurança mundial.

3. O Pacto de Chapultepec, em virtude do qual as vinte nações providenciam para a ação conjunta destinada a prevenir ou repelir qualquer agressão dentro do hemisfério, ampliando assim as medidas constantes do Pacto de Havana relativas à resistência contra a agressão partida de fóra do hemisfério.

4. Fortalecimento e ampliação do sistema de cooperação interamericano através da reorganização da União Panamericana como prepara-



O Castelo de Chapultepec, no parque no mesmo nome, onde se realizou a histórica Conferência Interamericana sobre os Problemas da Guerra e da Paz, vêmo-lo fêericamente iluminado para a ocasião



O Ministro de Estado de Cuba, Gustavo Cuervo Rubio, quando pronunciava seu discurso na conferência

tivo para as novas responsabilidades futuras dentro da estrutura da organização universal e para uma cooperação mais efetiva nos projetos de longo alcance referentes ao desenvolvimento do hemisfério.

5. A Declaração do México e outros documentos de caráter social e econômico pelos quais as nações signatárias mais uma vez dão garantias aos princípios americanos de humanidade e ao melhoramento do padrão de vida de seus respectivos povos, assegurando-lhes a igualdade de condições para fruírem tôdas as benções espirituais e materiais que a civilização oferece.

6. O desejo, unanimemente expresso, de que a nação argentina, que não se fez representar

na conferência, possa colocar-se em situação de reassumir seu lugar tradicional no seio da família das nações americanas, restaurando a unanimidade da solidariedade do hemisfério.

Consoante as palavras do Dr. Ezequiel Padilla, Ministro do Exterior do México e presidente da conferência, "foram firmadas no conclave de Chapultepec as bases de há muito ansiadas pelo fato de constituírem as nossas repúblicas um todo indivizível, e não ser possível viverem juntos povos prósperos e povos empobrecidos."

"Não se pode considerar a conferência só por si," afirmou ainda o chanceler mexicano, "como um passo isolado dentro de uma comunidade universal, mas como parte integrante dos grandes acontecimentos que a precederam e daqueles que ainda virão. Foi um histórico momento — o da aproximação do fim da guerra e do advento da paz — que tornou esta conferência necessária para acentuar a nossa cooperação e tratar do lançamento da estrutura do pensamento interamericano em face das possibilidades do futuro. A maior e mais fundamental conquista alcançada nesta conferência é a manutenção da unidade continental americana no momento mesmo em que seus adversários esperavam destruí-la."

Um dos exemplos característicos dessa unidade é o Pacto de Chapultepec, no qual, declarou ainda o Dr. Padilla, "se revela proeminentemente o conceito da segurança coletiva, consagrado categoricamente e fóra de qualquer dúvida."

Enquanto durar a presente guerra, o pacto estipula que qualquer ataque de um Estado contra a integridade ou a inviolabilidade de território, ou contra a soberania ou independência política de outro Estado americano será considerado ato de agressão contra todos os Estados signatários do pacto. Este determina a consulta em face de um ataque ou de ameaça de ataque e estipula uma série de medidas que poderão ser tomadas contra o agressor, inclusive as de ordem econômica e outras, assim como o uso de força armada.

O pacto recomenda que, após a presente guerra, as nações americanas considerem o estabelecimento, por meio de tratado, de um pacto similar de assistência recíproca e auxílio mútuo como acórdão regional, de conformidade com os propósitos e princípios da organização universal a ser formada, em bases a serem discutidas por tôdas as Nações Unidas, na conferência de San Francisco de Califórnia.

Os problemas econômicos relativos tanto ao período de transição da guerra para a paz, como os referentes ao desenvolvimento do hemisfério depois da cessação das hostilidades, assumiram um lugar de especial destaque nas cogitações da conferência, tendo sido estudados com perfeita união de vistas e a ampla visão que pressagiam uma colaboração inda mais íntima para uma solução satisfatória a todos.

Como conceito básico para uma segurança e desenvolvimento econômico permanente, as Américas asseguram a sua cooperação com ou-

tras nações afim de facilitar, por meio da eliminação das existentes formas de discriminação e da abstenção de usar novas formas, o intercâmbio comercial e o acesso às matérias primas do mundo, do acórdão com os princípios exarados na Carta do Atlântico.

A Carta Econômica, documento da mais alta significação, reconhece que a força econômica das Américas, firmada na elevação do nível de vida e na liberdade econômica, alcançada pela cooperação que produz a estabilidade e a livre iniciativa de trabalho, constituirá um poderoso raio de esperança para o mundo. Em seus três principais objetivos, a Carta recomenda:

1. Continua mobilização dos recursos econô-

micos do hemisfério até a vitória total.

2. Transição ordeira da vida econômica das Américas do estado de guerra para as condições de paz, em ação conjunta para manter a estabilidade econômica das repúblicas americanas.

3. Uma base construtiva para o desenvolvimento econômico das Américas através do aproveitamento de seus recursos naturais; do incremento à sua industrialização; do melhoramento dos meios de transportes; modernização da agricultura; desenvolvimento da energia elétrica e de obras públicas; estímulo ao emprêgo de capitais particulares, à habilitação técnico-administrativa e técnica-produtiva, e o melhoramento das condições do trabalho, incluindo os acórdos coletivos, iniciativas estas tendentes a elevar o nível de vida e aumentar as cifras do consumo.

Ao estabelecer os princípios gerais da cooperação econômica na solução de problemas de natureza imediata ou daqueles de longo alcance, a conferência do México recomenda aos governos americanos a preparação de tôdas as informações necessárias sobre suas respectivas situações econômicas, afim de serem submetidas ao estudo e consideração da Conferência Técnica-Econômica Interamericana a realizar-se em junho próximo, em Washington. Ficaram tam-

(Continúa)



O Ministro do Exterior do Brasil, Pedro Leão Veloso (sentado), e P. Calmon, delegado brasileiro



O Secretário de Estado Stettinius e o Secretário das Relações Exteriores de México, E. Padilla



Lourival Fontes (à esq.), Embaixador do Brasil no México, com o Presidente Manuel Avila Camacho

O PACTO DE CHAPULTEPEC

PARTE I

Os governos representados na Conferência Interamericana sobre os Problemas da Guerra e da Paz

Declararam:

1. Que todos os Estados soberanos são juridicamente iguais entre si.
2. Que todo Estado tem o direito ao respeito da sua personalidade e independência por parte dos demais membros da comunidade internacional.
3. Que todo ataque de um Estado contra a integridade ou a inviolabilidade do território, ou contra a soberania ou independência política de um Estado americano, será, de conformidade com a Parte III deste pacto, considerado um ato de agressão contra os demais Estados signatários do mesmo pacto. Em qualquer caso, a invasão do território de um Estado por forças armadas de outro, trespassando as fronteiras estabelecidas por tratado e demarcadas de acordo com o mesmo, será considerado um ato de agressão.

4. Que no caso de ocorrerem atos de agressão ou de haver razões para acreditar que uma agressão está sendo preparada por qualquer outro Estado contra a integridade e inviolabilidade de território, ou contra a soberania ou independência política de um Estado americano, os Estados signatários deste pacto consultarão entre si para concordarem nas medidas aconselháveis a serem tomadas.

5. Que durante a guerra e até a conclusão do tratado recomendado na Parte II deste pacto, os signatários do presente reconhecem que tais ameaças e atos de agressão, definidos nos parágrafos terceiro e quarto acima, constituem uma interferência com o esforço de guerra das Nações Unidas, exigindo que se adotem dentro do escopo de seus respectivos poderes constitucionais, gerais e de guerra, as medidas julgadas necessárias, isto é, a retirada dos chefes das representações diplomáticas; o rompimento das relações diplomáticas; o rompimento das relações consulares; suspensão das comunicações postais, telegráficas, telefônicas e rádio-telefônicas; interrupção das relações econômicas, comerciais e financeiras, e

o uso de força armada para prevenir ou repelir a agressão.

6. Que os princípios e as medidas enunciadas nesta Declaração entrarão em vigor imediatamente, porquanto qualquer ato de agressão ou ameaça de agressão durante o presente estado de guerra interfere com o esforço de guerra das Nações Unidas para alcançar a vitória. Depois desta, afim de que os princípios e as medidas aqui estipuladas se conformem com os processos constitucionais de cada república, os respectivos governos tomarão as necessárias providências para aperfeiçoar este instrumento de modo que se mantenha em vigor permanentemente.

PARTE II

A Conferência Interamericana sobre os Problemas da Guerra e da Paz

Recomenda:

Que afim de enfrentar as ameaças ou os atos de agressão contra qualquer república americana após o restabelecimento da paz, os governos das repúblicas americanas devem considerar a conclusão, de acordo com seus respectivos processos constitucionais, de um tratado estabelecendo o procedimento pelo qual tais ameaças ou atos possam ser enfrentados através do uso, por algum ou alguns dos signatários do referido tratado, de uma ou mais das seguintes medidas: retirada dos chefes das suas representações diplomáticas; rompimento das relações diplomáticas; rompimento das relações consulares; suspensão das comunicações postais, telegráficas, telefônicas e rádio-telefônicas; interrupção das relações econômicas, comerciais e financeiras, e o uso de força armada para prevenir ou repelir a agressão.

PARTE III

A Declaração e Recomendação acima constituem um acordo regional concernente a medidas relativas à manutenção da paz e segurança internacional, susceptíveis de ação regional neste hemisfério. O referido acordo e a maneira de sua execução se conformará com os propósitos e princípios da organização geral internacional, quando esta for estabelecida.

bém assentadas várias medidas com o fim de evitar ou reduzir, na economia das repúblicas americanas, durante o período transitório de após-guerra, os efeitos de qualquer deslocamento causado pela queda na exportação de seus produtos básicos.

Além de serem os casos em espécie solucionados por meio de acordos bilaterais atinentes a amortecer o choque resultante da redução na necessidade de tais produtos, sempre que for indicado, recorrer-se-á a nova legislação, nos países em questão, para ajudar a manter a estabilidade de suas respectivas economias; esforços serão feitos ainda para restabelecer mais rapidamente possível as atividades comerciais em tais produtos, e os países que estão atualmente produzindo matérias básicas e estratégicas para a guerra providenciarão para o desenvolvimento da produção de outros artigos de maior necessidade em face de procura verificada nos mercados do mundo.

De acordo com as decisões tomadas na Conferência do México no sentido de fortalecer e incrementar os desígnios da cooperação interamericana, as funções da União Panamericana passaram a ter muito maior escopo, de maneira a torná-la órgão mais efetivo no ajuste e solução de problemas interamericanos e na necessária cooperação com a nova organização de caráter mundial.

Com a reorganização, o delegado de cada Estado americano com funções na junta diretora da União deverá ter a categoria de embaixador, mas sem fazer parte da representação diplomática acreditada junto ao governo do país no qual a União Panamericana tem a sua sede — os Estados Unidos. Em virtude de suas novas atribuições, a União fica autorizada:

A agir no caso de qualquer perturbação que afete o bom funcionamento do sistema interamericano, a solidariedade e o bem-estar das repúblicas americanas. A ação será sujeita às restrições impostas pelas Conferências Internacionais dos Estados Americanos ou pelas Reuniões de Consulta dos Ministros de Exterior Americanos.

Convocar as reuniões regulares dos ministros de Exterior, anualmente, e as reuniões extraordinárias que forem solicitadas para tratar de questões de emergência.

Fiscalizar as entidades interamericanas atualmente ligadas à União ou aquelas que venham a ser ligadas à mesma.

O Conselho Econômico e Social Interamericano criado como dependência da junta diretora da União assumirá, futuramente, as funções das atuais entidades de emergência, tomando as providências necessárias relativamente ao progresso social e melhoramento das condições de existência de todos os povos americanos. Na Conferência do México foram ainda cogitados

(Continúa)



A Comissão de Problemas Econômicos e da Guerra, reunida sob a presidência do Ministro das Relações Exteriores do Perú Manuel C. Gallagher



O sub-Secretário de Estado dos Estados Unidos William Clayton quando se dirige às várias Comissões de Coordenação e de Transição Econômica e Social



O Ministro das Relações Exteriores da Colômbia Alberto Lleras Camargo (à esq.), em conferência com o Secretário Assistente de Estado dos Estados Unidos Nelson Rockefeller



O delegado chileno Joaquín Fernández y Fernández ao dirigir-se aos delegados reunidos em sessão plenária durante a Conferência Interamericana



O Dr. Francisco C. Nájera (à esq.), Embaixador mexicano nos E.E.U.U., com o Embaixador brasileiro em Washington Carlos Martins

A DECLARAÇÃO DO MÉXICO

Os Estados da América, por seus delegados plenipotenciários reunidos na Conferência Interamericana sobre os Problemas da Guerra e da Paz

Declararam:

Que a comunidade americana mantém os seguintes princípios essenciais que presidem as relações entre os Estados que a compõem:

1. A conduta de todos os Estados é regida pelo direito internacional.
2. Os Estados são juridicamente iguais.
3. Cada Estado é livre e soberano, e nenhum Estado poderá intervir nos negócios internos ou externos de outro.
4. O território dos Estados americanos é inviolável e também imutável exceto quando forem feitas alterações por meios pacíficos.
5. Os Estados americanos não reconhecem a validade de conquistas territoriais.
6. A missão dos Estados americanos é manter a paz e as melhores relações possíveis com todos os Estados.
7. Os conflitos entre os Estados deverão ser ajustados exclusivamente por meios pacíficos.
8. É banida a guerra de agressão em qualquer de suas formas.
9. A agressão contra um Estado americano constitui agressão contra todos os Estados americanos.
10. Os Estados americanos são solidários em suas aspirações e interesses comuns.

11. Os Estados americanos reiteram sua fervorosa adesão aos princípios democráticos, que consideram essencial para a paz da América.

12. Os propósitos do Estado é a felicidade do homem em sociedade. Os interesses da comunidade devem ser harmonizados com os direitos do indivíduo. O homem americano não pode conceber a idéia de vida sem justiça, nem admite a vida sem liberdade.

13. Entre os direitos do homem, o primeiro é a igualdade de oportunidade para fruir as bênçãos espirituais e materiais oferecidas pela civilização, através do legítimo exercício de sua atividade, capacidade e inteligência.

14. A educação e o bem-estar material são indispensáveis ao desenvolvimento da democracia.

15. A colaboração econômica é essencial à prosperidade comum das nações americanas. A privação que sofrer qualquer de seus povos, seja na forma de pobreza, de má nutrição ou de má saúde, afeta a cada um dos demais e, por conseguinte, a todos.

16. Os Estados americanos consideram necessária a justa coordenação de todos os interesses para criar uma economia de abundância na qual os recursos naturais e o trabalho humano sejam empregados com o propósito de melhorar as condições de vida de todos os povos do continente.

17. A comunidade interamericana está ao serviço dos ideais da cooperação universal.



O Presidente Avila Camacho saúda o Secretário das Relações Exteriores da Guatemala Enrique Muñoz Meany, no Palácio Nacional. Em baixo: O Ministro das Relações Exteriores Leão Veloso, no aeroporto, ladeado pelo pelo Secretário de Estado Edward R. Stettinius Jr. e Adolf Berle, Embaixador dos E.E.U.U. no Brasil



Três delegados em conferência. Do esq. para a dir.: Julio Acosta Garcia, da Costa Rica; Manuel C. Gallagher, do Perú, e Julián R. Cáceres, de Honduras



Gérard Lescot, Secretário de Estado do Haiti (à esq.), em companhia do coronel Durce Armand, Encarregado de Negócios da mesma república no México



Mariano Argüello Vargas (à esquerda), e Lorenzo Guerrero, delegados da Nicarágua à Conferência sobre os Problemas da Guerra e da Paz. Em baixo: O Embaixador do Panamá no México Jorge E. Boyd com o sub-Secretário das Relações Exteriores do México Manuel J. Tello, Secretário Geral da Conferência



O Secretário de Estado Stettinius sentado entre o Ministro das Relações Exteriores da Venezuela C. Para Pérez e A. Garcia Rables, do México

O Secretário Geral da Conferência Manuel J. Tello, do México (à esq.), e o Secretário das Relações Exteriores da Nicarágua Mariano Argüello Vargas

vários passos preparatórios referentes à próxima Conferência Internacional dos Estados Americanos que deverá realizar-se em 1946, em Bogotá, Colômbia. De conformidade com a reorganização do sistema interamericano, estas conferências internacionais efetuar-se-ão ordinariamente de quatro em quatro anos.

Afim de estabelecer uma maior colaboração militar nos anos próximos vindouros para a defesa do hemisfério, ficou também assentado na conferência da capital mexicana um contato permanente entre os estados-maiores das forças armadas das repúblicas americanas.

Na resolução final da conferência, as vinte repúblicas americanas reconheceram que a unidade dos povos das Américas é indivizível e que a nação argentina é e sempre tem sido parte integral da união das repúblicas americanas. Expressaram a esperança da conferência de que a nação argentina complete a sua política de ação cooperativa com as outras nações americanas da forma a identificar-se com a política comum que as mesmas estão seguindo, e oriente a sua própria política de maneira a poder incorporar-se no seio das Nações Unidas como signatária da declaração conjunta feita pelas mesmas.

Ao abrir a sessão inaugural da histórica conferência no palácio da Câmara dos Deputados, em 21 de fevereiro, o Presidente Manuel Avila Camacho declarou:

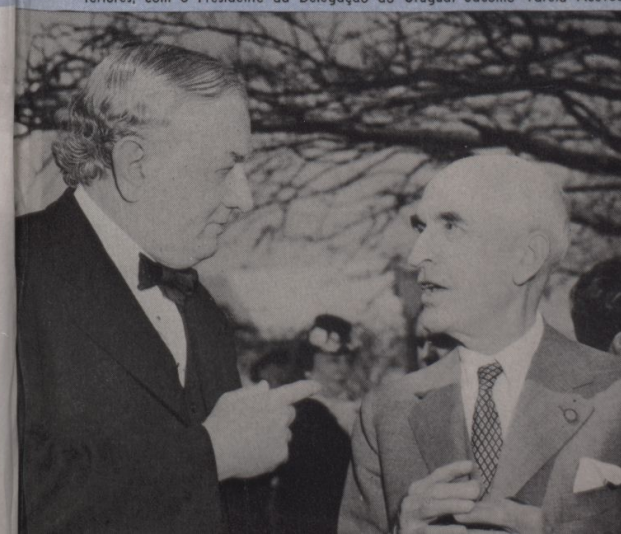
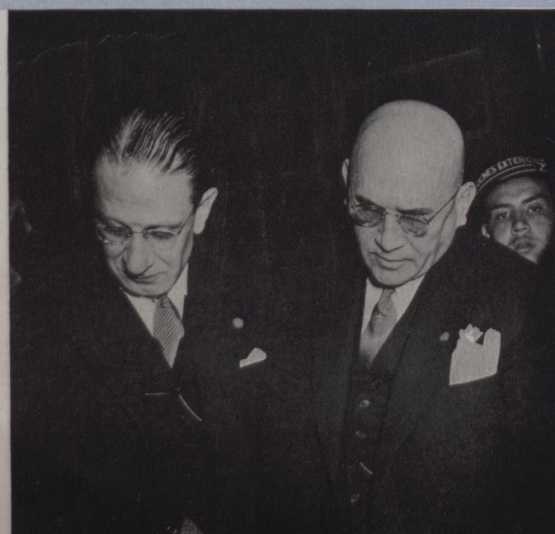
“Uma grande América livre, forte, sadia, próspera e esclarecida constituirá inestimável promessa de bem-estar para o mundo civilizado.”

A Conferência que o presidente mexicano inaugurou com estas palavras firmou sua diretriz nos dias subsequentes com o firme propósito de guiar as Américas na obra de prestar relevantes e permanentes serviços à humanidade, contribuindo também para a paz e para o progresso mundial.



O Senador Tom Connally (à esq.), Presidente da Comissão de Relações Exteriores, com o Presidente da Delegação do Uruguái Jacomo Varela Acevedo

Os delegados (da esq. para a dir.) Julio Acosta Garcia, da Costa Rica; Manuel A. Peña Battle, da Rep. Dominicana, e Arturo A. Loucel, do El Salvador



A Via de Abastecimentos para a China



Os chineses, de há muito carecendo de abastecimentos, enchem as ruas de Kunming para dar as boas-vindas ao primeiro comboio vindo pela Estrada Stilwell

UMA das medidas de ordem estratégica na guerra global é não somente manter as existentes vias de abastecimentos, mas estendê-las o mais possível e forçar a passagem por novas linhas, afim de substituir aquelas interrompidas pelo inimigo.

Antes da ocupação da Birmânia pelos japoneses, a China se abastecia através da via férrea, que, do norte de Rangoon passava por Mandalay até o extremo setentrional, em Lashio, e

daí pela difícil estrada montanhosa. Depois de se verificar a ocupação inimiga, o Comando de Transportes Aéreos da Aviação Militar norte-americana estabeleceu uma nova mas limitada linha aérea de abastecimentos, partindo de bases situadas na Índia e atravessando por cima dos montes Himaláia para alcançar a China. Era um percurso dos mais arriscados. Apesar do contínuo tráfego, dia e noite, por essa via de emergência, o volume de carga era insuficiente para

abastecer os aliados chineses. Urgia o pronto estabelecimento de outra linha de comunicações. Daí a construção da rodovia de Ledo — um dos mais notáveis feitos de engenharia da segunda guerra mundial, realizado sob o constante ataque do inimigo e cobrindo um longo percurso em terreno acidentadíssimo, através da selva inhospita e da montanha, com perigos de toda sorte. Ledo é uma pequena cidade na parte extrema do nordeste da Índia, bem ao norte da linha

Muitos métodos de construção foram empregados na estrada, mas a maior tarefa coube a milhares de trabalhadores chineses como estes, na gravura



A nova artéria de comunicação segue por um longo percurso nas matas, desde a Birmânia até à China

divisória entre a Índia e a Birmânia. A estrada de ferro atravessa a Índia até Ledo, e era por esta via de transporte que seguiam os abastecimentos para a China. Mas um fato de ainda maior importância é terem os aliados construído um oleoduto de Calcutá a Ledo, prosseguindo ainda deste ponto até Myitkyina, pela Birmânia a dentro. Pelo oleoduto eram abastecidos de óleo e gasolina os aviões de carga e os bombardeiros.

O oleoduto e a rodovia que lhe seguia paralelamente, faziam grande parte do percurso, além de Ledo, em território sob a dominação dos japoneses, tendo sido necessário estabelecer linhas de combate por trás das linhas japonesas e bases para as operações aéreas, cujo objetivo era manter constante o ataque contra o inimigo, cobrindo o avanço das forças de terra que marchavam de Ledo. Não tardou que o mundo se maravilhasse ante as façanhas dos denodados combatentes, que sob o comando de Wingate e de Merrill, não deram tréguas aos japoneses, assim também os esforços hercúleos das tropas de engenharia que, na retaguarda das forças do General Joseph Stilwell, iam estendendo o oleoduto e a rodovia freqüentemente sob intenso fogo do inimigo.

Os trabalhos prosseguiram atravessando Tengyush até fazerem a junção com um trecho que liga com a velha estrada de Burma, em Paoshan, percurso tortuoso de muitos quilômetros por penhascos e alagadiços, região infestada de malária e de insetos daninhos e sujeita a chuvas torrenciais sem comparação no mundo. Houve um período em que oitenta por cento do pessoal no trabalho de construção da estrada estavam atacados de doenças tropicais.

Ligando a capital chinesa

Os japoneses começaram a bloquear a estrada de Burma em março de 1942, quando ocuparam Rangoon. Em fins de 1943 e começo de 1944, as forças americanas e chinesas reunidas estavam prontas para lançar o ataque partindo de Ledo, e, um ano depois, isto é, em janeiro de 1945, fez-se a ligação com Chungking, a capital chinesa, então isolada.

Em Myitkyina, os comandantes aliados na área chino-burmânica reuniram-se para dar as boas vindas ao primeiro comboio procedente de Ledo e que ia prosseguir pela antiga estrada de Burma. Dentre os presentes destacavam-se o Almirante Lord Louis Mountbatten, chefe do comando no sudeste asiático; Major-General Albert C. Wedemeyer, comandante das forças dos Estados Unidos no teatro da guerra chinês, e o Tenente-General Daniel I. Sultan, comandante das forças norte-americanas na área indoburmânica. Ausente estava, porém, o planejador da estrada de Ledo, o General Joseph Stilwell. E' que já se achava em Washington, como comandante de todas as forças terrestres do Exército dos Estados Unidos. Em expressiva demonstração de reconhecimento pela sua inestimável contribuição, o Generalíssimo chinês Chiang Kai-shek deu oficialmente o nome de "Estrada Stilwell" à rodovia que, partindo de Ledo, atravessa a Birmânia e vai até a China.

Soldados chineses que combateram defendendo a construção da estrada vivam a passagem de material



San Francisco

A BELA E HISTÓRICA METRÓPOLE DA COSTA DO PACÍFICO, EXEMPLO DE INICIATIVA E TENACIDADE



A histórica Union Square, situada no coração da cidade, reúne o útil ao agradável. Sob os belos canteiros floridos da praça há um ponto de estacionamento de automóveis, o que de muito serve para aliviar o problema do espaço. Na gravura abaixo vê-se um aspecto do movimento. Por ser montanhosa, nas ruas de maior declive os bondes sobem tirados por cabos de aço e descem impulsionados pelo seu próprio peso



HÁ sempre uma atração especial para uma cidade construída em montanhas, com ampla vista sobre o mar. E' o que se passa com Rio de Janeiro, Valparaíso, Montevideu, Nápoles e Constantinopla. O mesmo se dirá de San Francisco, na costa do Pacífico, a cidade escolhida na histórica conferência da Criméia, entre o Presidente Roosevelt, o Primeiro-Ministro Churchill e o Marechal Stalin, para a realização da conferência das Nações Unidas afim de completar a organização relativa à segurança universal.

A geografia, só por si, teria feito de San Francisco uma das históricas cidades do mundo. Situada a cavaleiro do Oceano Pacífico, numa baía pontilhada de ilhas, a cidade fica no extremo do Ocidente, mirando para o Oriente. Para seu pórtio afluem os produtos de cinco belíssimos vales — de San Joaquim, do Sacramento, de Santa Clara, de Napa e de Sonoma — e os das florestas que os cercam. Em seus armazens e docas estão empilhados inúmeros de seus pro-



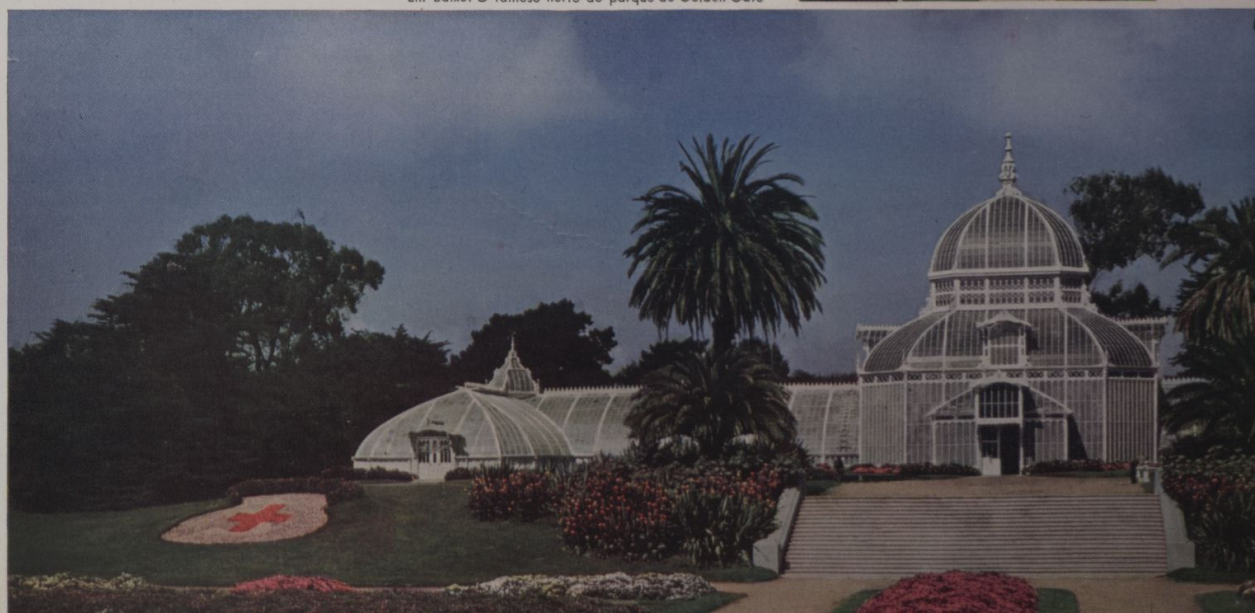
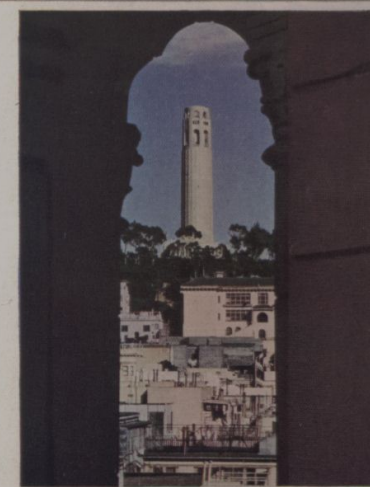
A Missão Dolores tem sido um dos principais centros espirituais de San Francisco há mais de um século

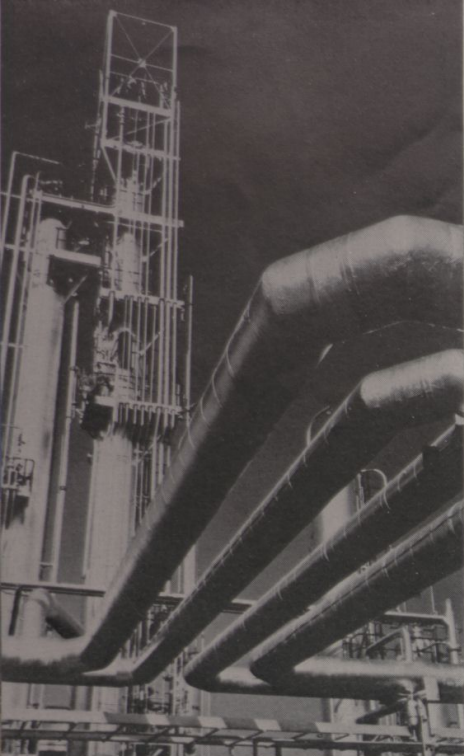
duto — cascos de vinho, toneladas de passas, amêndoas, nozes, pêsegos, laranjas, azeite doce, melões, lã e trigo. Para além das águas azues de sua baía elevam-se os montes nos municípios de Marin e de Contra Costa, enquanto que ao sul alonga-se a península onde muitos de seus habitantes gozam os encantos de belas residências batidas de sol. Poucas cidades norte-americanas têm sido favorecidas com um ambiente tão espetacular; poucas têm sobrevivido a uma história tão fantástica. Porque a história de San Francisco é como um libreto de ópera. Fundada em 1777 por guerreiros espanhóis e frades franciscanos "para a glória de Deus e do rei de Espanha", o pequeno povoado que se chamou San Francisco de Assis permaneceu tranqüilamente em doce sonhar sob a calidez de um sol incomparável, durante os primeiros

setenta anos de sua existência. Sua vida se centralizava em torno da praça, do presidio e da sua missão, com uma dúzia de casebres de madeira construídas à margem da enseada de Yerba Buena. A principal ocupação era a conversão dos selvícolas ao cristianismo, conquanto, de vez em quando, fosse fazendo seus negócios de peles e de sebo com alguma fragata ou barco de pesca que aportasse à baía. Até meados do século dezenove sua população era de menos de quinhentas almas.

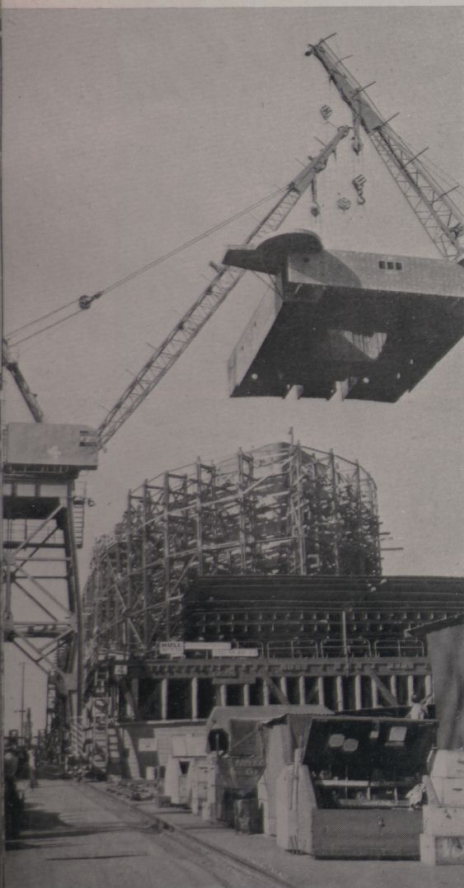
Ocorreu então a descoberta do ouro na Califórnia, em 1849, e San Francisco cresceu da noite para o dia. Em um ano, sua população passou de 500 habitantes para 25.000, e aumentando sempre. Vinha gente de tôdas as partes do mundo: italianos, franceses, gregos, chineses

A torre Coit no histórico morro do Telégrafo (à direita), erigida em memória de Lily Hitchcock Coit, membro do primeiro corpo de bombeiros voluntários. Em baixo: O famoso horto do parque de Golden Gate





A cidade de San Francisco da Califórnia converteu-se em grande centro de suprimento de gasolina



San Francisco é um dos portos em que mais se está construindo navios cargueiros para a guerra



O Centro Cívico de San Francisco, no qual se destaca o City Hall. Detrás, na parte superior estão o Monumento da Guerra, o Teatro da Ópera e, junto a este, à direita, o edifício erigido em memória dos veteranos, no qual se realizarão algumas sessões da Conferência das Nações Unidas, para tratar da segurança universal

e pioneiros da própria terra norte-americana, os iânquis. Muitos vieram da costa ocidental da América do Sul para fazer sua fortuna nas minas de ouro. Eram de todas as camadas sociais — sacerdotes e criminosos; comerciantes e banqueiros; caçadores e poetas. Nunca houve coisa igual, uma cidade cuja população era, na maior parte, composta de homens moços, viris, aventureiros, decididos e comumente de poucos escrúpulos. Não havia lugar para os fracos. A vida era vivida a passo acelerado — e arriscadamente. Somente os vigorosos sobreviviam.

Destruida e reconstruida

Muitas e muitas vezes foi posto à prova o espírito indômito daqueles primeiros colonizadores. Seis vezes, durante o primeiro ano e meio do seu fantástico crescimento, San Francisco foi destruida pelo fogo e reconstruida. Em 1906 houve a maior de todas as suas catástrofes, o terremoto e incêndio que arrasou a cidade. Quase quinhentos quarteirões no centro da cidade foram completamente destruidos, uma área que representava dimensões maiores do que as de muitas cidades de bom tamanho, atualmente. Contudo, antes de esfriarem as cinzas e o entulho daquela hecatombe, os habitantes de San Francisco começaram a reconstruir mais uma vez a sua cidade, tornando-a mais bela e duradoura do que nunca, porque já então podiam reconstruir seguindo um plano determinado e com uma visão que o rápido desenvolvimento da cidade nunca permitira antes. Nove anos após a ocorrência do cataclismo, que poderia ter paralizado a cidade por dezenas de anos, San Francisco abria suas portas aos forasteiros, de Singapura ao Alaska, para a Feira Mundial Panamá-Pacífico, de 1915.

De uma área arenosa e agreste fizeram o seu famoso Parque de Golden Gate, belo conjunto de flores e arbustos, áreas e canteiros que se distende por seis quilômetros na zona residencial. Neste formoso parque, entre outras atrações, há os campos de tênis, o Museu de Young, onde se encontram as telas mais famosas do oeste; o aquário Steinhart, com seus milhares de peixes de brilhante colorido das águas

do Pacífico Meridional, e os concêrto de bandas de músicas, ao ar livre, nas tardes de outono. Os habitantes de San Francisco, como os sul-americanos, gostam de suas formosas praças. Quando o "distrito financeiro" tornou-se superlotado e houve necessidade de expandir sua área, resolveram atulhar os baixios lamacentos e fazer recuar as águas da baía. Para muitos, a idéia parecia fantástica, impraticável, mas a obra não ficou apenas no papel. A rua Montgomery, que antes era batida pelas águas da baía, durante a maré alta, está agora a mais de 400 metros da orla do litoral. Os alicêrces de muitos dos edifícios de granito que alojam bancos e firmas comerciais nessa rua estão firmados em estacas fincadas no casco de navios deixados ao abandono na baía pelos aventureiros da "legião do ouro" de 1849.

San Francisco também realizou a construção simultânea das duas pontes mais gigantescas do mundo. Foi obra que muitos também julgavam impossível. Primeiro que tudo, havia a considerar a corrente predominante nas águas da baía de Golden Gate, forte de mais para o assentamento dos pilares, bem como a distância de San Francisco à cidade de Oakland, que parecia ser excessivamente longa para ser ligada por uma ponte. Não obstante, lá estão erectas, a ponte de Golden Bridge, com o maior vão até agora construído no mundo, e a de San Francisco a Oakland, numa extensão de mais de doze quilômetros — a mais longa estrutura do gênero — assentada sobre as mais profundas pilastras jamais construidas pelo homem.

Quando San Francisco decidiu celebrar a conclusão destas pontes, realizando a Exposição Internacional de Golden Gate, em 1939 e 1940, o recinto do grande certame era uma ilha artificial, construida nos baixios de lama no meio da baía. Todos gostaram da idéia de fazer a exposição numa ilha, mas como não houvesse ilha disponível, construíram uma. Depois de completa a dragagem do local, foi feito o atêrro, com cascalho para a estradas e com terra fértil para a transplantação de árvores completamente crescidas, ficando a ilha dotada de amplos e belíssimos jardins perpetuamente floridos. Desde



Graças ao seu grande pórtio interior, San Francisco é uma das melhores bases navais de que dispõem os E.E.U.U. para a guerra contra o Japão

o ataque de Pearl Harbor os grandes estaleiros de construção naval situados na baía têm contribuído com a terça parte do total dos navios dos tipos "Vitória" e "Liberdade" destinados ao tráfego de guerra. Desde aquela época, já embarcaram em San Francisco cinco milhões de homens e 77 milhões de toneladas de material bélico. O pórtio, que mede 18 quilômetros de largura e quase 80 quilômetros de litoral, dispõe de docas numa extensão de 22 quilômetros, sendo por isto um dos maiores arsenais do país. E' também servido por 116 linhas de navegação, cujos navios se movimentam procedentes de numerosos pontos do globo, trazendo especiárias e sedas da Ásia; açúcar de Manilha; café e cacau do Brasil e outras repúblicas americanas; estanho da Bolívia, cobre do Chile, e aço e maquinismos das indústrias norte-americanas situadas da região do este. Hoje, grande parte deste tráfego marítimo se destina a outras direções, conduzindo combatentes para todas as frentes de batalha do mundo; tanques, caminhões e barcaças de invasão; laranjas, carnes e leite; medicamentos e plasma sanguíneo; produtos químicos e aço — numa enorme variedade de abastecimentos de guerra. Em Oakland está situada a grande base naval e o grande arsenal de Marinha. Nas proximidades, em Alameda, fica a base naval aérea. A cidade está cercada de campos de aviação e aeródromos. De San Francisco decolou o primeiro Clipper com rumo ao Oriente, em 1936. Agora, o Comando dos Transportes Aéreos ali tem sua sede, movimentando com toda a regularidade o tráfego de cargueiros aéreos. Com o estabelecimento da produção industrial bélica verificou-se uma segunda onda de imigração para a cidade, em quantidade quase igual a dos memoráveis tempos do período áureo. A população na área que circunda a baía era, em 1940, de 1.721.287; atualmente é de 2.200.000.

A vida espiritual

Não obstante toda a tensão desse tremendo esforço de guerra, San Francisco ainda encontra vagar para os seus concertos sinfônicos, suas magníficas óperas, teatros e exposições de todos os gêneros de arte. O interesse pelas coisas espirituais continuava a ser parte integrante de San Francisco, tanto quanto também são os seus

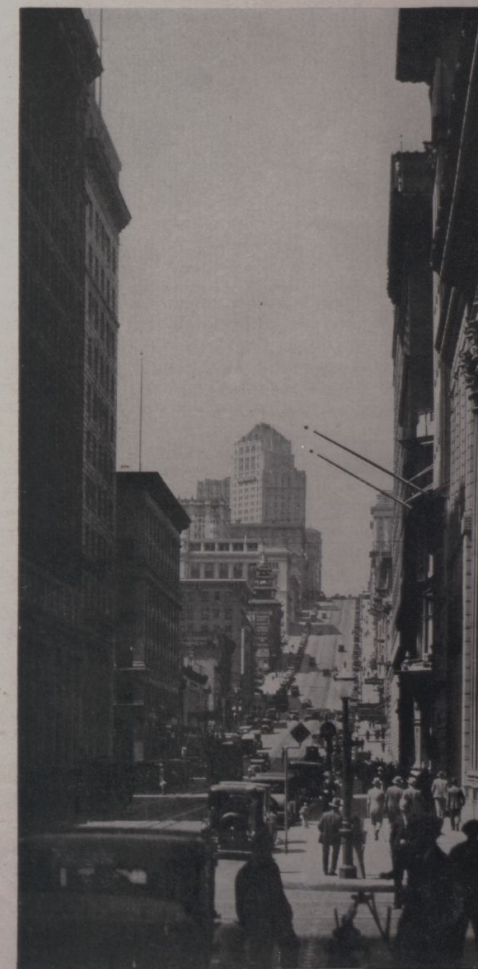
morros, suas ruas em declive, servidas por bondes tirados a cabos de aço, seus jardins multicolores e suas graciosas gaiotas. A cidade herdou de seus antepassados espanhóis o espírito de festividade e alegria, e dos francêses, alemães e italianos o proverbial interesse pela ópera.

Em San Francisco, o visitante que vem da América Latina sente a cordialidade e hospitalidade características de sua própria terra. A arquitetura tem variantes predominantemente hispanas, com seus pátios interiores, porque os californianos, como os seus vizinhos ao sul, apreciam muito a vida ao ar livre. No Instituto de Belas Artes da Califórnia o visitante encontra magníficas obras de arte, destacando-se o famoso mural de Diego Rivera, pintado em sete seções; e nas Galerias de Oakland, pode admirar os trabalhos de Xavier Martínez. As composições de Vila Lobos constam de todo programa de boa música. E na Universidade de Califórnia, em Berkeley, será prazerosamente recebido na Casa Internacional, o mesmo acontecendo mais ao sul, na Universidade de Stanford, onde encontrará muitos de seus compatriotas participando do Clube Latino-Americano.

Há, entretanto, muita coisa para o forasteiro ver em San Francisco que é típica da cidade. Os famosos morros, Nob, do Telégrafo, os Russos e o dos Dois Picos, são interessantes características, de onde se apreciam magníficos panoramas da cidade e da baía.

San Francisco é ainda o movimentado centro do decantado turismo da Califórnia, para onde afluem, em tempos normais, milhares de forasteiros procedentes de todos os pontos do país e do estrangeiro. Há, de fato, muito que ver, apreciar, sentir e recordar numa visita à cidade e seus belíssimos arredores. A natureza foi-lhe pródiga, mas o que encanta é o zelo com que seus habitantes, de geração em geração, têm cultivado essa dádiva, a despeito de tantas adversidades que têm marcado a história da radiante cidade.

Seu clima ameníssimo é mais uma razão da enorme popularidade que a cidade goza entre os mais atraentes do mundo. Mas neste momento de ingentes atividades para os golpes decisivos da guerra no Pacífico, San Francisco esquece os seus galardões de cidade "bela entre as mais belas" para tornar-se um dos centros de inextinguível importância no grande esforço de guerra.



As pitorescas colinas em que se ergue a cidade de San Francisco dão realce à sua grande beleza

OITO FILHOS NA GUERRA

SÓ O CAÇULA FICOU EM CASA



Com oito filhos na guerra, os Duggins nunca deixam de receber notícias do "front." O que lê por sobre o ombro da Senhora Duggins é o caçula da família



O lar da família Duggins, de onde partiram oito filhos para lutar pela pátria. A bandeirinha à janela mostra uma estrela azul para cada um dos filhos

Já é comum nos lares norte-americanos a pequenina bandeira à janela, com tantas estrelas azuis quantos são os membros da família que se acham servindo nas forças armadas das Nações Unidas. Uma destas famílias é a do professor A. C. Duggins, que tem oito filhos na guerra. Aqui damos, relatada pelo próprio professor Duggins, a história desse lar e dos filhos que o deixaram para ir combater nas mais distantes frentes de batalha.

TEM sido uma longa jornada desde o nosso primeiro encontro num dia de 1909. O nosso próprio trabalho nos aproximou. Ela era uma jovem, bela e talentosa professora numa escola do interior, na região montanhosa do Tennessee. Eu, de 26 anos, era superintendente das escolas do município. Sentimo-nos atraídos por uma perfeita comunhão de sentimentos e ideais. Casamo-nos.

Nossa maior ambição para o futuro era estabelecer um lar onde nossos filhos pudessem encontrar a mesma ventura que nós desfrutávamos. Queríamos que fossem amantes a Deus e ao belo mundo que Ele criara para eles. Queríamos que amassem sua pátria pela liberdade, pela proteção e pelas oportunidades que ela lhes proporcionava. Contemplando retrospectivamente a nossa jornada, sei que tivemos satisfeitos os nossos desejos. Certo, tem havido inevitáveis pezares. Perdemos dois filhos em plena infância. E prover uma existência sadia e útil aos dez filhos restantes nunca nos foi fácil.

Há alguns anos, um de nossos vizinhos nos disse que nossa família era tão numerosa e meus vencimentos de professor tão modestos que nunca poderíamos dar aos nossos filhos uma educação superior. Mas nós criamos filhos que se encarregariam eles mesmos de obter isso. Som os olhos fitos no futuro, procuravam ganhar dinheiro depois das aulas, vendendo jornais, atendendo a outros trabalhos e prestando pequenos serviços. Todas as tardes, depois das aulas, por exemplo, um deles enchia de jornais o carrinho e, seguido de seu cão de estimação, punha-se a caminho. Custou-lhe muitas tardes de trabalho para conseguir seus vinténs até acumular 20 dólares. Uma noite, resolveu guardar suas economias na fomalha. Como estivessemos no verão, ele sabia que havia já meses que não se fazia fogo. Mas aconteceu que a temperatura esfriou numa noite e um dos membros mais idosos da família acendeu a fomalha, com desastrosas consequências.

Nunca me esqueço daquelas mãosinhas remexendo nervosamente as cinzas para recuperar o dinheiro tão laboriosamente ganho. Conseguiu reunir, tanto quanto possível, todos os fragmentos das cédulas queimadas e mandou-os para o Departamento do Tesouro, em Washington, que substituiu aquelas que puderam ser identificadas. Sem demonstrar o menor desânimo por sua perda, começou a juntar dinheiro novamente.

Richard, nosso filho mais moço no serviço das forças armadas, estava terminando o curso secundário quando irrompeu a guerra. Fez exame de admissão para o oficialato na Marinha, saindo-se esplendidamente, pois dentre 150 candidatos ele foi um dos três que conseguiram passar. A Marinha designou-o para fazer o curso de engenharia e de especialidades em várias universidades para prepará-lo de acordo com as necessidades do serviço.

Fôrça de vontade

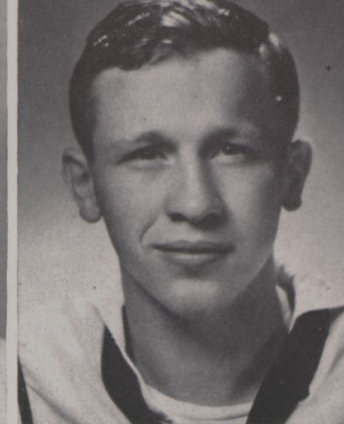
John, que lhe segue em idade, depois de terminar o curso secundário trabalhou numa oficina de rádio, conseguindo reunir economias bastantes para fazer um curso universitário dessa especialidade. Para economizar o mais possível, quando estudante, lavava e passava a ferro a sua própria roupa. Ao ser declarada a guerra, submeteu-se ao respectivo exame e passou a servir como técnico de rádio em várias bases do Exército. Um dia soubemos que ele tinha aperfeiçoado uma peça de rádio para ser usado nos aparelhos do Exército. Mais tarde alistou-se voluntariamente na Aviação Militar.

Outro filho, Ray, sempre se interessou pela Infantaria de Marinha. Alistou-se voluntariamente quando começava seus estudos de engenharia na Universidade de Tennessee. A Marinha conservou-o estudando, designando-o depois para o curso especializado em várias bases navais. Agora está como instrutor num batalhão de engenheiros da Armada, e esperamos a todo momento receber informação da sua partida para a frente de combate.

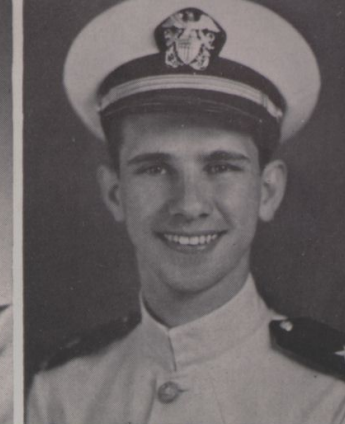
Edward recebeu o grau de bacharel de artes no Milligan College e o de professor na Universidade de Tennessee. Estava lecionando na Universidade de Tampa, Florida, quando, atendendo ao apelo de sua pátria, alistou-se voluntariamente na Marinha. E' agora tenente e há 14 meses que



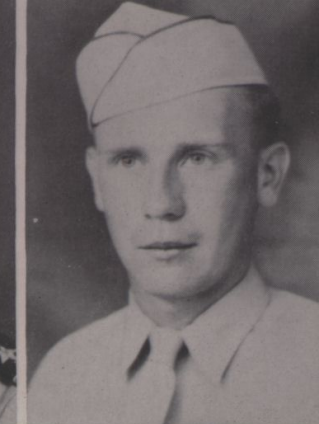
Edward C. Duggins



Richard C. Duggins



V. F. Duggins



John W. Duggins

está servindo no teatro de operações de guerra na Europa e no Pacífico. Orgulha-se imensamente das medalhas recebidas por serviços relevantes, fato que também nos enche de orgulho.

Charles foi um estudante muito distinto. Recebeu as notas mais altas conferidas pelo Milligan College, fazendo jús a uma bolsa de estudos na Universidade de Tennessee. Quando estalou a guerra, estava lecionando na escola normal de Knoxville. Obteve uma licença e apresentou-se voluntariamente para servir na Aviação Naval, sendo atualmente tenente num dos grupos na área do Pacífico. Antes de embarcar escreveu-nos dizendo "achar-se ansioso de partir e ver esta guerra terminada, pois assim poderia voltar mais depressa para a companhia da esposa e de seus próprios pais."

Outro de nossos filhos na guerra, L. W. Duggins, escapou de morrer pouco antes de deixar os Estados Unidos. Depois de graduar-se, foi trabalhar no correio de Greenville. Veiu a guerra e ele pediu licença para se alistar na Marinha. Ao seguir para o seu pósto designado, aconteceu passar por uma pequena cidade na costa do Pacífico, chamada Port Chicago — no mesmo dia em que uma série de misteriosas explosões destruíam vários navios carregados de munições, que estavam ancorados no pórtico. Sofreu bastante como o choque, recebendo um ligeiro ferimento na cabeça. Está atualmente servindo nos confins do Pacífico.

Victor é tenente da Armada, tendo se alistado pouco depois do ataque de Pearl Harbor. E' casado com uma ex-colega, que se graduou na mesma turma do college. Depois de graduado, foi exercer o professorado numa escola rural. Seu filhinho, de dois anos, dificilmente oculta seu pezar pela ausência do pai. Quando este embarcou, sua mulher e o pequenino Victor foram levá-lo à estação. A criança supunha que o pai ia fazer uma curta viagem e voltaria logo. Mas quando percebeu que o pai não voltava, sentiu-se profundamente impressionado. E agora, sempre que a mãe vái às compras na cidade, Victor acompanha-a agarrado ao seu vestido, com receio que ela também vá embora e não volte mais.

Ferido na guerra

Allan, o mais velho, cursou a Universidade de Tennessee, trabalhando depois durante dez anos na inspeção das rodovias do Estado. E' formado em direito. Conquanto fosse casado e pai de um casal de filhinhos, não quis deixar de acompanhar seus irmãos, alistando-se na Marinha, indo servir num transporte de tanques, no teatro europeu da guerra. Ficou ferido e foi removido para um hospital na base. Está em vias de restabelecimento. Já nos escreveu, muito animado, esperando voltar ao serviço. Quer nos escrevam dos campos de batalha da Europa ou das remotas regiões do Pacífico, nossos filhos sempre se referem ao nosso lar e aos

tempos da meninice, cujas recordações eles conservam bem vivas. Perguntam pelos cães de caça e manifestam toda confiança no irmão caçula, que se encarrega de treiná-los. Uma noite sua irmã havia chegado de Nova York, onde está estudando na Universidade de Columbia. Conversavam a respeito do Richard, que costumava ir caçar com seu irmãozinho. A um ponto da conversa, a irmã disse: "Baden, é me'hor não contar em fazer caçadas com o Richard tantas vezes quanto você costumava fazer antes. Quanto terminar a guerra, ele terá nova vida, tudo estará mudado."

Após um momento de reflexão, Baden indagou: "Então quer dizer, Adélia, que ele nunca mais estará em casa como antes . . . e nunca mais iremos caçar?"

"Isso mesmo," respondeu a irmã. "As coisas não serão como antes." Ele fez um beicinho, emocionado, mas conteve-se. E rematando o assunto teve uma evasiva: "Adélia", disse ele, "estou com sono, vou dormir."

Nós também mal contemos a saudade de nossos filhos. Mas a nação estava em perigo e só temos que nos orgulhar pelo fato de podermos eles ser úteis na sua defesa. Talvez que nem todos voltem. A maneira como apertavam nossas mãos quando partiam era bem diferente do adeus que nos diziam ao se despedirem para fazer pequenas viagens, antes da guerra. Quando ouvimos a campainha do telefone, nas horas caladas da noite, nem sempre nos sentimos tranquilos. Contudo, quer voltem ou não, sabemos que a nossa bandeira se desfaldará mais orgulhosamente, porque eles combateram sob suas estrelas, e nosso lar será sempre mais querido, porque foi o lar em que eles viveram.

Ao relembrarmos o interesse que tinham em se educar e preparar para a vida prática, as dificuldades de então parece que se mostravam mais como um estímulo. A guerra felizmente encontrou-os em condições de serem aproveitados para servir com o melhor que cada um podia dar de suas habilidades.

Para nós, os pais, isto é uma honra e uma consolação. Sentimo-nos unidos no mesmo espírito de contribuir com o máximo que podemos dar para a vitória da nossa causa, que é causa da liberdade em que se funda a nossa pátria e o denodo de seus filhos.

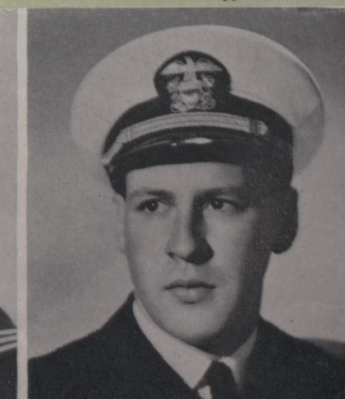
Resta-nos também a esperança de que melhores dias advirão do incomparável esforço que a humanidade está fazendo para tornar-se digna da existência que a civilização pode proporcionar-lhe. Os que voltarem dos campos de batalha, com as reminiscências do que viram e sentiram, melhor poderão avaliar a significação do verdadeira sacrifício que nos estava reservado. Somos apenas uma dentre milhares de famílias que estão vivendo das emoções do presente, confiando no advento de um melhor futuro.

A. H. Duggins

L. W. Duggins

C. F. Duggins

Ray B. Duggins



A DERROCADA DA ALEMANHA

DE COMO SE REPETE MAIS UM CAPÍTULO
DA HISTÓRIA, APONTANDO PARA O MITO
DA INVENCIBILIDADE GERMÂNICA

COM a aproximação da completa derrota da Alemanha, é interessante notar como se repete a história, em seus aspectos militares. Em 1936, tropas alemãs, em flagrante violação do tratado de Versalhes e do pacto de paz de Locarno, atravessaram o rio Reno, na região de Colônia e de Coblenz. Exatamente nove anos depois, as tropas dos Estados Unidos atravessavam novamente o histórico rio, mas desta vez em direção a Berlim.

Há dois séculos, em 1758, russos e prussianos empenharam-se em tremenda batalha em Zorndorf. Em 1945, russos e alemães encontraram-se novamente na mesma curva do rio Oder, para matar e serem mortos, para cavar trincheiras e refúgios sobre covas de há muito esquecidas. Não obstante estarem se repetindo em rios e antigos campos de batalha os mesmos choques de forças militares determinadas a exterminar o adversário, os episódios de 1945 revelam o carácter único das atuais operações de guerra. Esta dupla invasão dos domínios de Hitler, pelo oriente e pelo ocidente, constitui realmente um feito militar sem precedentes na história do mundo. Únicos estão sendo também outros fatos que servem para marcar o ano de 1945 como inteiramente diferente de outros anos assinalados por batalhas decisivas. Notam-se em toda parte os sinais evidentes dessa diferenciação — nas reuniões de estadistas, nas cartas enviadas pelos combatentes às suas famílias, enfim, no próprio cenário que empolga o mundo.

Sinais dos tempos

Os líderes das Nações Unidas convocaram a conferência internacional de San Francisco quando a Alemanha ainda estava em seus últimos estertores, para que, do entulho da hecatombe não ficasse apenas mais uma cicatriz na história do mundo — mas uma paz durável, tratada e discutida abertamente por nações grandes e pequenas.

Da frente ocidental, um jovem combatente, um cabo, natural de Nova York, escreveu uma carta externando suas impressões pessoais no momento em que, com sua companhia, avançava pela Alemanha a dentro. Dizia êle: "A princípio não podia suportar o frio. Cada minuto de inatividade era uma verdadeira tortura — a tortura da ansiedade. Mas o combate, a ação, é exatamente como um pesadelo — acordado. Con-

Um combóio aliado em chamas perto de Duesseldorf—durante a intensa campanha em território alemão, nos redutos finais da formidável resistência nazista



A 90a. Divisão do Exército Americano passando pela famosa linha Siegfried. Os proclamados obstáculos da sua defesa ficaram reduzidos a um mito

do, saberei mesmo por que estou combatendo? De certo que sei! E posso dizê-lo muito simplesmente. Estou combatendo para voltar ao ambiente dos que me são caros, ao meu lar e às coisas que me são familiares. E estou combatendo porque julgo que todo homem, por mais pobre e humilde, seja qual for a sua raça, seu credo ou sua cor, é um ente precioso, cuja vida e integridade são sumamente importantes."

Tais são os ideais dos combatentes que avançam pela Alemanha a dentro. Seus feitos militares refletem a estrutura do seu caráter. Num de seus arrojados, dois tenentes e seus poucos comandados, como que arrancaram das mãos nazistas a chave da Alemanha ocidental. Iam como força de reconhecimento, descendo pela estrada montanhosa até alcançar as margens do Reno. Outras forças dos Estados Unidos já tinham feito o

mesmo noutros pontos, mas, ao se aproximarem do rio, estancavam diante das explosões com que os nazistas destruíam suas pontes. Desta vez, porém, em Remagen, erguia-se a ponte Lundendorff, dotada de dupla linha férrea, sólida em suas bases. Os tenentes Emmet Burrows e John Mitchell e seus comandados estavam decididos a evitar a destruição desta ponte. Ao aproximarem-se, prontos para atravessá-la, ouviu-se o fragor de uma explosão. "Eu esperava vê-la ir pelos ares imediatamente," disse, mais tarde, um dos oficiais.

Seus soldados, denodadamente, não perderam tempo. Aquela era apenas uma carga preliminar. Avançaram e conseguiram localizar os fios ligados a toneladas de explosivos. Uma vez desligados, estava extinta a tremenda ameaça. Às 15 horas, os primeiros tanques aliados cruzavam o Reno. Vá-

(Continúa)

Conquanto avancem escoltados por tanques e destruidores de tanques, os soldados da infantaria americana não têm outro recurso senão prosseguir a pé, ganhando terreno passo a passo pela região do Reno, fazendo recuar o inimigo



rios civis alemães afirmaram que a ponte era para ser demolida completamente às 16 horas, segundo os planos militares nazistas. Mas a estrutura estava agora em mãos dos aliados. Imediatamente correu a notícia, de tanque a tanque, de caminhão a caminhão: "Estamos com uma ponte no Reno!" E a grande nova chegou afinal ao General Eisenhower, no quartel-general. Soldados que estavam prestes a cair de fadiga, um momento antes, pisaram no acelerador de seus veículos, rompendo à tóda velocidade em direção ao rio. Em poucos minutos, tôdas as estradas que davam a Remagen estavam cobertas de tropas, caminhões, tanques e canhões. Em poucos dias, avançavam as legiões aliadas a muitos quilômetros da margem do Reno — do lado de Berlim.

A mitologia alemã diz que os deuses pagãos amavam, sonhavam e guerrevam entre as névoas e os castelos do Reno, criando a lenda de superhomens capazes de dominar o mundo. Esta foi a fantasia de que se serviram os próceres do nazismo para capturar a estúpida confiança dos

seus sequazes. Mas agora, para o próprio nazismo verifica-se nas margens do Reno o seu inevitável crepúsculo. A captura da ponte em Remagen foi a primeira de uma numerosa série de travessias do famoso curso d'água. Ao norte e ao sul, poderosos exércitos estavam prosseguindo no avanço, fechando cada vez mais o cêrculo inexorável.

Um outro rio simboliza, na frente oposta, o golpe mortal na Alemanha desferido pelos russos. É o rio Oder. Os exércitos soviéticos que tinham feito uma pausa ao longo de suas margens para reunir abastecimentos e enrijecer seus flancos, avançavam agora em formidável onda de ferro e fogo, durante os mesmos dias em que o Reno era transposto pelos aliados, na frente ocidental.

Enquanto isto, os céus sobre a Alemanha se escureciam com aviões das forças aliadas — em número que chegava a atingir 11.000 por dia, bombardeando as concentrações militares e as linhas de abastecimentos dos exércitos nazistas. E desde a conferência de Yalta, os chefes militares de três nações reuniam-se em contínua conferência, detalhando seus planos de ação decisiva no ar e em terra.

A circunstância de, na última guerra, não haver o território alemão sofrido efeito algum da devastação que as tropas do kaiser espalharam pela Europa, parece que incutiu no espírito dos chefes nazistas e da própria massa de seus adetos, a idéia de que podiam, desta vez, contar na certa com idêntica situação. Quando Goering, arregando aos obreiros na região do Ruhr, afirmava que o so' germânico jamais seria danificado pelo inimigo, falava com uma convicção doentia, sem se aperceber da ilimitada capacidade de produção dos aliados e da sua irrefreável resolução de levar a guerra aos mais sagrados recônditos da Alemanha — desde que isto conviesse aos objetivos militares.

Foi, portanto, muito significativa a demonstração de força que os aliados fizeram na primeira cidade alemã — Aachen — reduzindo-a a um montão desfigurado de entulhos, em consequência da obstinação nazista de não ceder à fatalidade das circunstâncias. Este, que parecia ser o maior argumento dos nazistas quando dominaram pela força bruta suas fracas nações vizinhas, volta-se agora, em sua aplicação, para o próprio território alemão, na última quadra da inescapável ofensiva aliada. O estado em que já se encontram numerosas cidades alemãs, bombardeadas e destruídas a ponto de se tornar difícil reconhecê-las, em nada confirmam as afirmações de Goering. Sua aviação, reduzida à impotência pelos ataques dos aliados, transformou-se no mesmo mito do das *impregnáveis* linhas de defesa.

A cidade de Muenchen-Gladbach (à esquerda), terra natal do ministro da propaganda nazista, Goebbels, não escapou ao ímpeto do 9º Exército americano. Na gravura abaixo vê-se um aspecto de Colônia, na região do rio Reno, mostrando os efeitos do tremendo bombardeio. Sua histórica catedral foi, entretanto, poupada

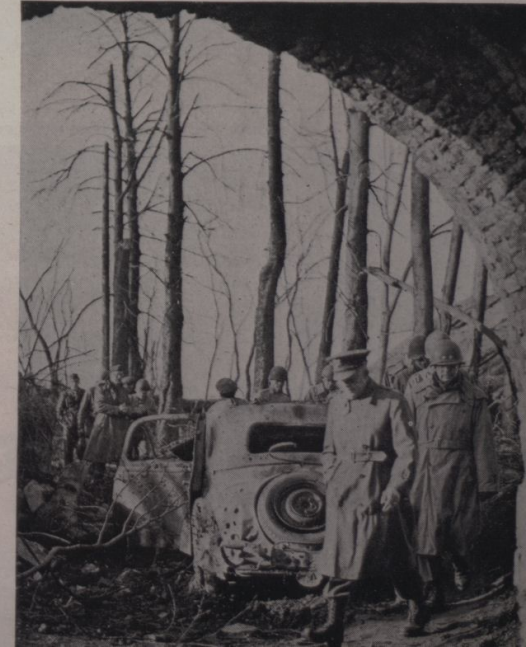


Graças à inépcia de alguns nazistas a ponte de Remagen ficou intacta, facilitando assim a travessia das tropas norte-americanas, na ofensiva

Hitler deu ordens severas para que todos os alemães resistissem até ao último sobrevivente, mas estes nazistas, feitos prisioneiros pelos americanos, não se conformaram com a idéia e renderam-se



O General Eisenhower, supremo comandante dos aliados, inspecionando um dos bastiões nazistas, na cidade de Juelich





A comissão diretora da Associação de Pais e Professores, de Dunn Loring, Estado de Virgínia, reunida numa de suas sessões, no edifício escolar

PAIS E PROFESSORES TRABALHAM JUNTOS

Há vinte e cinco anos, um grupo de senhoras que veraneavam numa pequena cidade do interior do Estado de Nova York, discutiam sobre os problemas da educação da criança, na escola e no lar. Algumas das presentes eram mães, outras eram professoras. Uma de suas preocupações era solver a questão da divisão de autoridade existente entre os pais e os professores sobre a criança.

Alguns pais mostravam-se então seriamente interessados em saber qual a razão por que estava se usando nas escolas métodos tão diferentes dos adotados no ensino ao tempo em que eles eram colegas. Os professores, por sua vez, procuravam uma explicação para o fato de muitas crianças perfeitamente normais mostrarem-se desatentas e insubmissas na escola. Seria que as condições no lar fossem responsáveis por isso? Não seria possível melhorar a educação da criança por meio de um melhor conhecimento do lar, do ambiente em que a criança vive e recebe parte de sua educação?

O programa do "almôço-quente", cujo fim é promover a boa saúde das crianças através da boa nutrição, é um dos dos projetos ideados pela útil Associação



Uma das mães sugeriu que se organizasse um grupo composto de mães e professoras, afim de se reunirem regularmente e trocar idéias sobre o progresso dos alunos. A presunção era que, muitas das dificuldades existentes poderiam ser obviadas se mães e professoras analisassem juntas os aspectos individuais de cada criança, para determinar um corretivo a ser adotado tanto em casa como na escola.

Tôdas mostraram-se perfeitamente de acordo com a proposta e assim foram lançadas as bases daquilo que hoje tem uma grande influência na vida educacional da criança norte-americana — a Associação de Pais e Professores, organização que conta 28.000 entidades locais e mais de 2.600.000 membros, nos Estados Unidos, em Porto Rico e nas ilhas do Hawaii. Cada um desses grupos de pais e professores é um perfeito exemplo do processo democrático em ação. Por menor que seja, a entidade local é independente, devendo seguir apenas os princípios e as sugestões oriundos de decisões tomadas pelos representantes devidamente eleitos, com funções de carácter federal e estadual. Os novos planos chegam às entidades menores somente depois de terem sido examinados, estudados e discutidos pelos grupos dirigentes. As associações locais elegem seus próprios diretores e, de acordo com as sugestões recebidas da organização central, decidem sobre a escolha das providências que melhor parecerem indicadas para o seu caso em particular.

As entidades locais

As associações filiadas seguem, portanto, unicamente os princípios gerais estabelecidos desde os primórdios do movimento conjugado de pais professores. De acordo com tais princípios, as associações formam-se com o único objetivo de promover o bem-estar da criança, através da orientação de pais e professores, sem que haja nessa agremiação de esforços intuito algum comercial, partidário ou sectário. Seus objetivos são gerais.

Um exemplo do funcionamento dessas úteis associações vê-se na vila de Dunn Loring, no Estado de Virgínia, cuja escola tem 298 alunos. Ali, os 78 membros da Associação de Pais e Professores mantêm-se ativos promovendo a execução do programa de zelar pela saúde de seus filhos, facilitar-lhes recreação apropriada e estabelecer uma perfeita colaboração entre o lar e a escola. Seguindo a norma observada nas outras localidades, a escola de Dunn Loring, por iniciativa dos pais dos alunos, re-

servou uma sala para um pequeno restaurante, no qual, por alguns centavos, as crianças podem ter um excelente almoço que consiste de carne, dois legumes, leite e sobremesa. O município fornece gratuitamente as cápsulas de óleo de fígado de bacalhau. Cinco senhoras, cujos filhos são alunos, trabalham voluntariamente no restaurante.

As autoridades sanitárias locais também prestam seu concurso, facilitando exame médico às crianças na respectiva clínica. A escola, ainda por iniciativa e auxílio da Associação de Pais e Professores, preparou uma sala para recreio e esportes, onde as crianças fazem exercícios físicos e, em dias determinados, realizam-se as reuniões do clube de aviação, de entusiastas juvenis que se dedicam aos trabalhos de modelagem. Além disto, há ainda as reuniões do clube de costura, das meninas, e as reuniões dansantes, com número de dansas e canções regionais. Estas atividades são geralmente dirigidas pelas mães, que se prontificam a fazer todos os preparativos, a colaborar na organização dos programas e a ajudar para que nada falte ao bom êxito das reuniões. Durante os meses do verão, isto é, das férias, as atividades recreativas prosseguem, constituindo sempre grande atração.

Crescente utilidade

É digno de menção o fato de ter sido graças aos esforços da Associação central que se generalizou o movimento em prol dos jardins de infância, assim como o aumento do auxílio financeiro estadual às escolas e o apoio oficial aos programas de saúde, em suas diversas fases. A Associação se incumbiu também de preparar a criança, durante o período das férias, para o ano letivo seguinte, facilitando exames médicos, em várias clínicas, orientando e aconselhando os pais e, sobretudo, mantendo contínua e interessante, a campanha para desenvolver, no que for necessário, o escopo da indispensável colaboração entre pais e professores.

Conquanto a ação da Associação de Pais e Professores se faça sentir principalmente nos círculos escolares, coadjuvada naturalmente pelos pais, tornou-se um corolário natural estender algumas de suas atividades visando a vida da criança no próprio lar. Os programas de rádio, despertando o interesse pela boa música e por conhecimentos variados, são recomendados pela Associação às crianças e adultos, afim de serem ouvidos e discutidos. Dada a importância do rádio como poderoso fator de divulgação, a Associação também está apresentando seus próprios programas, nos quais são tratados os problemas da criança em idade escolar.

A guerra veio naturalmente aumentar os encargos da associação, porque desta vez as hostilidades ameaçavam as populações civis com os tremendos efeitos da ação aérea. Urgia, pois, coordenar o trabalho de divulgar conhecimentos em mais um campo que, apesar de ser de evidente emergência nem por isso deixava de ter ensinamentos de proveitos futuros. Havia, por exemplo, a questão dos primeiros socorros, medida essencial que fazia parte da defesa passiva. As associações locais tiveram, neste particular, o sempre prestimoso auxílio da Cruz Vermelha que se prestou a facilitar cursos aos pais e professores. Estava ainda na alçada dessa benemérita instituição orientá-los noutro ponto de relevante necessidade — o da nutrição. Os imprevistos da guerra, exigindo da nação uma soma incalculável de suprimentos alimentícios para os combatentes e para os povos libertados, estes até que pudessem recuperar suas próprias atividades, indicavam a urgência de sérias precauções, não somente produzindo mais, senão também aproveitando melhor o valor nutritivo dos alimentos.

Os alunos da escola de Dunn Loring recebendo injeções imunizadoras da febre escarlatina, na Clínica de Fairfax. É mais uma obra de iniciativa da Associação

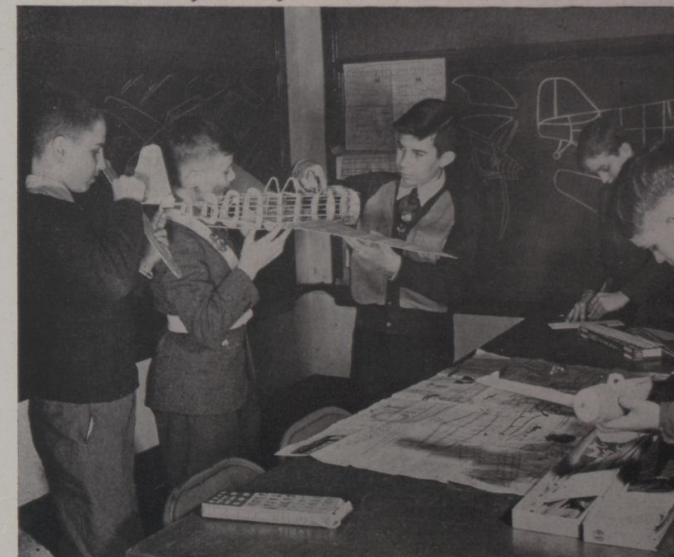


De par com esta divulgação de conhecimentos, havia também outras formas de cooperação de guerra nas quais as crianças poderiam participar, devidamente organizadas para isso. Destacavam-se as coletas — de jornais velhos, de roupas, metais servidos, utensílios de borracha e, principalmente, a de fundos para financiar a guerra, através dos bônus da vitória. A obra das associações, organizando o trabalho dos colegas nessas campanhas patrióticas, despertou nas crianças o mais vivo interesse, tornando-as orgulhosas de contribuir para a causa que estava chamando às armas, em muitos casos, pais, irmãos e outros parentes.

Organizaram-se também sob os auspícios das Associações de Pais e Professores, numerosas creches para servir às mães que, por trabalharem em fábricas de material bélico e outras indústrias vitais, necessitavam de quem cuidasse de seus filhinhos durante as horas de trabalho. O mesmo foi feito quanto ao estabelecimento de centros de recreação para os menores cujos pais trabalham longas horas.

Servindo a todas as crianças, independentemente de raça ou credo, a Associação tem chamado sua atenção para os programas de rádio e filmes cinematográficos de outras terras, como elementos aproveitáveis para um conhecimento melhor de seus povos. Todos os programas educacionais neste sentido recebem o apoio da Associação, cujos esforços visam principalmente divulgar o mais possível a necessidade de uma perfeita cooperação internacional no mundo que se espera reorganizar depois da guerra.

A Associação de Pais e Professores anima e dirige os trabalhos manuais. Na escola de Dunn Loring os alunos gostam muito de fazer modelos de aviões



A Sra. J. Morris McHugh, esposa do presidente da Associação de Pais e Professores de Dunn Loring, é professora voluntária do clube de arte da escola





O segundo-sargento Antonio dos Santos Caldas recebe os cuidados de médicos brasileiros e americanos no Hospital La Garde, em Nova Orleans



Soldados brasileiros em convalescença, de passagem pelos EE.UU. a caminho para o Brasil. Alimentação boa e farta é uma das preocupações do hospital

portados num percurso de muitos quilômetros, em ambulâncias para os hospitais de base, daí para os navios-hospitais e, uma vez nos Estados Unidos, seguem em trens-hospitais para um ponto indicado como excelente para a sua convalescença.

No amplo e bem instalado hospital vamos encontrar, por exemplo, o soldado Vessie Manelli, de Sorocaba, São Paulo, recém-chegado do front, onde recebeu vários ferimentos em combate. De 22 anos, o ex-operário paulista, passou três meses na frente italiana, tendo sido uma das primeiras baixas verificadas entre as tropas brasileiras e um dos primeiros veteranos a serem internados no Hospital La Garde, de onde seguirá para sua terra, depois de terminar o tratamento especial. No seu leito, assistido por um enfermeira americana, o jovem combatente brasileiro mostrava-se tão animado quanto lhe permitiam as circunstâncias. Com o corpo envolto em ataduras e as pernas em talas, Manelli recorda a sua ação na Itália: "Foi um combate feroz; mas tudo já passou e agora só penso em ficar bom."

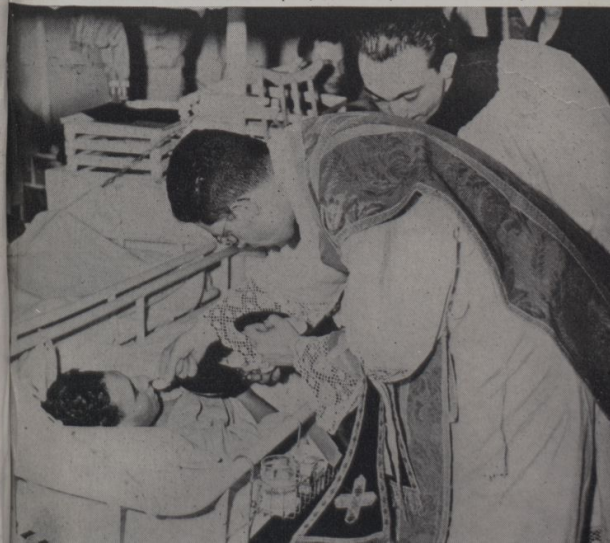
Há outros ainda, dentre o primeiro grupo de cem combatentes brasileiros em tratamento no hospital. Laurindo Zampronio, de 25 anos,

soldado de artilharia, perdeu o pé numa armadilha nazista, perto de Bolonha. O segundo-tenente Eugenio Muller Netto, de Itajaí, Santa Catarina, de 23 anos, apesar de ter recebido dez ferimentos causados por estilhaços de granada, capturou um soldado alemão. E dentre as enfermeiras brasileiras destaca-se a tenente Loisa Villar, do Rio de Janeiro, filha do um antigo adido naval brasileiro em Washington. Foi uma das primeiras a atender ao apelo de sua pátria para enfermeiras. Serviu perto da frente de combate e agora regressou, por motivo de saúde.

Na Itália, os combatentes brasileiros recebem os cuidados dos médicos e enfermeiras do próprio Corpo de Saúde das Forças Expedicionárias. Os feridos em estado grave, brasileiros e americanos, são transportados em navios-hospitais para os Estados Unidos, para o devido tratamento. E, de fato, a falta de navio-hospitais em número suficiente que impede que os feridos brasileiros sigam diretamente para o Brasil. Os navios-hospitais, apesar de sobrecarregados de serviço atualmente, continuam a fazer as suas rotas estabelecidas, entre a Europa e a América do Norte. Ao chegarem aos portos americanos, os feridos são transferidos para os carros ferro-viários hospitalares, especialmente construídos, seguindo, sob os cuida-

(Continúa)

O soldado Gelson Costa da Silva recebendo no hospital a sagrada comunhão dos Reverendos Rafael Montejano, do México, e Felix Granadillo, da Venezuela



Os veteranos brasileiros Dirceu Ramos, carioca, e Laurindo Zampronio, de S. Paulo, aprendendo a arte de impressão, assistidos por uma das enfermeiras



Na irmã de Adnan Aracy Muller Netto

OS FERIDOS BRASILEIROS

ALIADOS nos campos de batalha contra a tirania nazi-fascista, os Estados Unidos e o Brasil ligam-se em mais um empreendimento de grande significação: o de abreviar o restabelecimento dos combatentes brasileiros, enfermos ou feridos em ação, para que possam voltar, tanto quanto possível, à normalidade de sua vida civil.

Nêste sentido estão sendo aproveitadas as vantagens que oferece o Hospital La Garde, do Exército americano, localizado em Nova Orleans, numa zona semi-tropical do Estado de Luisiana. Ali estão sendo internados os primeiros feridos brasileiros procedentes da frente italiana, que, aliás, são os primeiros combatentes de uma das repúblicas americanas a chegarem do front. No Hospital La Garde estão eles sendo submetidos aos mesmos cursos científicos de reabilitação física dos seus irmãos de armas, os norte-americanos.

Das regiões frígidas dos montes Apeninos, onde se intensifica a ação das tropas brasileiras, para o conforto e modernas facilidades do Hospital La Garde, em Nova Orleans, é mais um capítulo da cooperação brasileira-americana em serviços médicos-militares. Nela se resume uma série de cuidados e atenções dispensados aos feridos brasileiros que são trans-

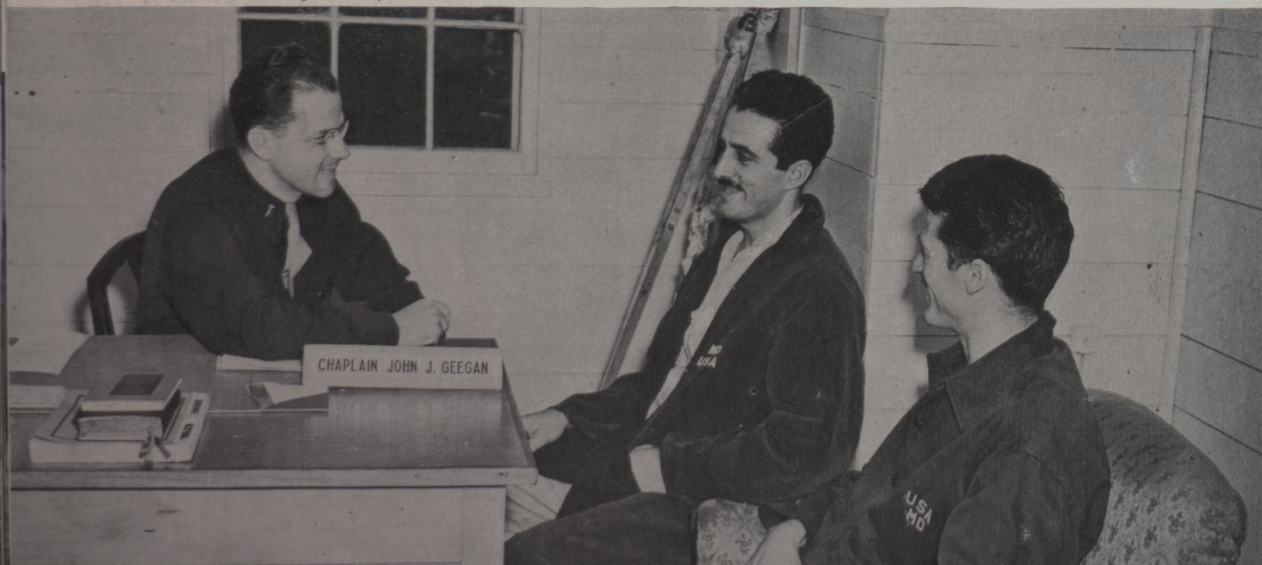


As primeiras enfermeiras brasileiras a regressarem da Itália, Ttes.: Eloisa Villar (à esq.), e Olga Mendes (à dir.), palestrando com uma colega americana



Os soldados Augusto Fernando de Souza e Julio Kaviski dedicando algumas horas ao seu restabelecimento por meio dos processos da terapêutica ocupacional

O capelão do Hospital, Reverendo John J. Geegan, conversando com os veteranos brasileiros, sargento Joaquim de Castro e soldado Renato Fusse



dos de médicos e enfermeiras, para o hospital em Nova Orleans. Este é um dos grandes e modernos centros médicos-militares, com capacidade para mil leitos, fronteiro ao belo lago Pontchartrain, e instalado para as especialidades cirúrgica e ortopédica. A maioria dos brasileiros hospitalizados revelam os efeitos das batalhas, sendo os mais comuns os ferimentos nas pernas, nos braços e pelo corpo, causados por projéteis de armas de fogo, estilhaços de granadas, minas, etc. Alguns dos veteranos ficaram cegos em combate. Dentre os primeiros a chegarem, a maioria tinha passado seis meses na Itália, geralmente em ação. Um deles, referindo-se à sua estadia na *front*, declarou: "Temos combatido tanto quanto os nossos aliados e temos tido a nossa parte proporcional nas baixas."

O rigoroso inverno no norte italiano, nas montanhas, também tem causado desastrosos efeitos entre os combatentes, brasileiros e de outras nações aliadas. Em geral, os soldados brasileiros internados no Hospital La Garde, mesmo aqueles mais seriamente feridos, mostram-se de ânimo forte, relativamente bem dispostos, e é isto o que os médicos do hospital esperam conseguir sempre, com seus esforços. Alguns dos veteranos ainda não dispensam as muletas para irem ao refeitório ou aos salões de recreação; outros vão em cadeiras de rodas, mas todos continuam nas atividades que lhe são permitidas, de acordo com cada caso especial, sorridentes e confiantes de que os melhores resultados serão alcançados com o moderno tratamento a que são submetidos. Todas as atividades dos veteranos hospitalizados, nas enfermarias, nos salões de recreação, no ginásio ou no refeitório se enquadram num programa organizado cuidadosamente para abreviar rapidamente a sua convalescença e reabilitação.

Quando um veterano, brasileiro ou norte-americano, chega ao hospital para tratamento, tudo está disposto para causar-lhe a melhor impressão. Modernamente instalado, o hospital, com suas numerosas enfermarias, salas de operações, laboratórios e outras dependências que completam a sua perfeita organização, reflete um ambiente que inspira confiança.

A reabilitação

Logo que os soldados se encontram em condições de poderem sair, recebem passes que lhes permitem deixar o posto, em horas determinadas, e ir ao centro da cidade de Nova Orleans. No próprio hospital são organizadas diversões para os veteranos, com o concurso de agremiações cívicas da cidade, atividades que muito contribuem para tornar a estadia hospitalar menos monótona possível.

A terapêutica física e ocupacional é, relativamente, uma adição recente ao intensivo programa de reabilitação, e seus resultados têm sido excelentes. O propósito é proporcionar aos internados ocupações úteis que lhes mantenham o espírito alerta e animado, enquanto se opera a cicatrização dos ferimentos.

A medicina militar, nesta guerra, tem suas atenções voltadas com especial interesse para a reabilitação física e mental dos veteranos. Até mesmo os cegos estão se adaptando à sua nova existência passando por um processo de reabilitação cuja técnica tem revolucionado os métodos até então usados. A reabilitação profissional praticada no Hospital La Garde estende-se a um grande número de atividades, na mesma base da organização desse serviço nos demais hospitais militares dos Estados Unidos. Apressar o completo tratamento dos feridos, facilitando-lhes todos os recursos da ciência para tornarem a normalidade da vida civil é o objetivo dos médicos militares, desde o *front* até aos grandes hospitais especializados.



Aviadores brasileiros da Fôça Expedicionária passando uns momentos de folga em Pisa, a antiga cidade italiana, famosa pela sua torre inclinada



O pavilhão invencível! Esta fotografia, geralmente considerada a melhor da guerra, até agora, mostra os fuzileiros fixando a bandeira em Iwo-Jima



A praia de Iwo-Jima (em cima) ficou rapidamente coberta de destroços com o ataque das forças americanas. A densa poeira vulcânica dificultou enormemente a guerra mecanizada, obrigando os combatentes a recorrer à luta corpo a corpo. Em baixo vemos os barcos de assalto lançando o ataque contra a árida ilha

“AVANTE PARA TÓQUIO!”

**A TOMADA DE IWO-JIMA E A
SUA GRANDE SIGNIFICAÇÃO NA
LUTA FINAL CONTRA O JAPÃO**

DENTRO do perímetro da defesa do império japonês, a apenas 750 milhas a sudeste de Tóquio, há uma ilha que constitui um dos maiores monumentos à coragem, sacrifício e abnegação do combatente americano. É Iwo-Jima, pequena, desolada e feia, mas, não obstante, um símbolo do heroísmo dos fuzileiros navais dos Estados Unidos que lutaram, sangraram e morreram entre as cinzas vulcânicas e os penetrantes vapores sulfúricos, para apressar o advento da vitória sobre um inimigo bárbaro e imperialista.

Para os Estados Unidos, o valor estratégico de Iwo-Jima era tríplice: serviria para base de operações das “Super-Fortalezas Voadoras” B-29 contra os centros industriais japoneses; para base de operações dos bombardeiros médios em

Embarcações da Marinha americana abastecendo os fuzileiros navais durante o ataque contra Iwo-Jima



seus ataques contra as ilhas do império niponês e seus navios no Mar da China, e para campos de pouso de emergência das *super-fortalezas* que não estivessem em condições de tornar às suas bases nas ilhas Marianas, a 700 milhas a sudeste, depois de seus raids contra o Japão. Mas, acima de tudo, a captura de Iwo-Jima, a um custo tremendo, mas necessário, significava também, possivelmente, o início da penúltima fase da Batalha do Japão — a fase que precederia a invasão das ilhas do império.

O histórico desta fase da guerra no Pacífico começou alguns meses antes da tomada de Iwo-Jima, do grupo das ilhas Volcano. Foi ao tempo em que o General MacArthur cumpria a sua promessa de *voltar às Filipinas*, entregando o governo local à autoridade civil eleita pelos filipinos e lembrando que o novo grito de guerra era *Avante para Tóquio!*

“A queda de Manila”, disse o general, “foi o fim de uma grande fase da luta no Pacífico e a preparação para outra.”

A fase que então terminava era a do ressurgimento militar e naval dos Estados Unidos, assinalado pelas memoráveis vitórias nas batalhas do Mar de Coral, de Midway, Guadacanal, Nova Guiné, Tarawa, Saipan e, finalmente, Manila — uma campanha travada sobre quase três mil milhas de oceano. Mas mesmo enquanto MacArthur lançava o seu histórico grito de guerra e o Presidente Sergio Osmeña dava posse ao seu novo gabinete, reafirmando a fé dos princípios básicos da colaboração entre as Filipinas e os Estados Unidos, poderosas forças já estavam ativas na execução da nova fase — *para Tóquio!* As ilhas imperiais começaram a sentir os efeitos dessa determinação americana. Numa das mais audaciosas operações na história naval, uma força de porta-aviões dos Estados Unidos avançava até uma distância de 300 milhas da costa

inimiga e, em dois dias seguidos, 1.200 aviões atacavam vários objetivos em Tóquio e seus arredores. Foi um desafio lançado à esquadra e à aviação japonesa, desafio que ambas não se mostraram em condições de responder.

Pela primeira vez realizava-se um ataque aéreo de tal magnitude, com aparelhos de base em navios porta-aviões. Para levar a efeito o bombardeio de Tóquio, a maior metrópole da Ásia e importante centro industrial, a Marinha americana enviou de 15 a 20 de seus maiores porta-aviões de combate. O grupo estava protegido por quase 800 navios de guerra, entre couraçados, cruzadores, destróieres, submarinos, caça-minas e unidades auxiliares. Esta era a esquadra que o governo japonês, em repetidas ocasiões, havia assegurado ao povo estar completamente destruída.

Um arsenal flutuante

A esquadra, que depois iria garantir o desembarque em Iwo-Jima, levava a sua própria base de abastecimentos. Havia diques flutuantes e enormes câbreas; navios oficinas; navios refrigeradores e vários outros, cada um completando o colossal aparelhamento de poderosíssima esquadra que se fazia acompanhar de um verdadeiro arsenal. Havia gêneros comestíveis para alimentar uma população de 300.000 habitantes, durante um mês inteiro, e vestuário para 1.500.000 pessoas.

Foi esta esquadra que se aproximou de Iwo-Jima para completar os dois últimos dias de uma série de bombardeios aéreos que já se prolongava por dois meses e meio. As baterias de bordo arrazaram algumas das defesas camufladas e transformaram em verdadeiro inferno a pequena ilha. Mas os 20.000 japoneses da sua guarnição sobreviveram a êsse formidável bombardeio, escondidos em trincheiras, em pro-

fundas excavações e subterrâneos adrede prolongada, expectativa que, afinal, se confirmou. Na manhã em que se efetuou o primeiro desembarque das tropas americanas, o bombardeio tomou intensidade indescritível, a ponto de tornar-se um incessante troar, cujos efeitos eram patentes na densa massa de fumo e poeira que se elevava da ilha. A primeira força a desembarcar foi recebida pelo fogo concentrado de morteiros e de artilharia que causou numerosas baixas. Durante três dias e três noites os fuzileiros navais americanos enfrentaram a mais diabólica resistência do inimigo, jamais registrada nos 168 anos da história da valorosa corporação da Marinha de Guerra.

Mas a despeito de tôdas as incontáveis dificuldades e obstáculos, os fuzileiros não arredaram pé da importante cabeça de ponte que haviam dominado, um reduto de tremendo ataque onde se avolumava constantemente o número de mortos e feridos e a quantidade de material bélico destruído em ação. Quando foi possível fazer o desembarque de abastecimentos cuja carência já se tornara tão desesperadora, os fuzileiros avançaram palmo a palmo, vencendo a custo a penetrante poeira vulcânica. Até os tanques tinham dificuldade de avançar, cortando a cortina de pó sufocante. Os atacantes iam encontrando uma resistência ferocíssima do inimigo que se ocultava em cavernas, buracos e fortificações de tôda sorte.

Antes de haverem os fuzileiros dominado três quartas partes da pequena ilha, já os aviões americanos estavam servindo de dois dos três aeródromos locais. Mas as operações também já haviam custado aos atacantes mais de 2.000 mortos e muito maior número de feridos. As perdas do inimigo estavam sendo incomparavelmente maiores, pois em parte alguma havia êle combatido com maior tenacidade e fanatismo.

O General Douglas MacArthur (à esquerda), ao entregar o domínio das Filipinas ao Presidente Osmeña



Apavorava-lhe a idéia de perder Iwo-Jima, porque bem sabia que, nas mãos dos americanos, a ilha seria agora a catapulta que arremessaria os golpes decisivos contra a máquina de guerra do Japão. Era, pois, uma luta sem precedentes.

Enquanto isto, outra esquadra norte-americana achava-se em águas japonesas. Sob o comando do Almirante Richard A. Spruance, suas unidades, durante três semanas, espalharam a destruição em torno das ilhas japonesas, num audacioso chamariz para que a esquadra inimiga saísse de seu esconderijo. A aviação naval americana bombardeou intensamente as pequenas ilhas de Ryukius, importantes pontos de ligação entre a ilha Formosa e as ilhas principais do arquipélago imperial. Durante o curso destas operações, foram afundados ou avariados 55 navios japoneses; destruídos ou avariados 91 aviões, além de considerável destruição infligida às fortificações e instalações militares do inimigo. A esquadra passou uma noite inteira ao largo da costa da ilha de Okino-Daito, situada a 450 milhas das ilhas centrais do império, movimentando-se de um lado para outro e bombardeando vários objetivos na linha de defesa do inimigo. Não obstante, a aviação japonesa não deu sinal de vida.

Logo após êsses ataques os americanos levaram a efeito o primeiro de uma série de bombardeios pelas “super-fortalezas” contra as cidades industriais do Japão — inclusive Tóquio.

Bombas sobre Tóquio! Uma das primeiras fotografias mostrando a capital japonesa durante o bombardeio



O Monte Suribachi, na ilha vulcânica — a cavaleiro do local em que os fuzileiros navais lançaram um dos ataques mais violentos contra os japoneses



Em pleno fragor da batalha, os exaustos fuzileiros americanos fazem uma pausa para ligeiras preces, antes de prosseguir na sua tremenda ofensiva





Nas feiras estaduais todos os municípios se fazem representar com magníficos mostruários. Aqui vemos o do município de Douglas, do Estado de Kansas

Um belo tapete de retalhos em exibição. Estes tapetes constituem uma verdadeira arte, tradicionalmente cultivada nos lares da zona rural dos Estados Unidos



FEIRA ESTADUAL

O INTERESSE QUE DESPERTA E SUA INFLUÊNCIA NO PROGRESSO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA

Phil Stong, que antes de ser escritor foi agricultor, captura com muita naturalidade o espírito da vida rural norte-americana, descrevendo-a em vários livros, dentre os quais se destaca State Fair. Em número anterior de Em Guarda retratou ele aspectos da zona central dos Estados Unidos. Abaixo damos suas impressões das exposições e feiras estaduais e a marcante influência que as mesmas têm exercido na vida agrícola da nação.

E' COM mal contida ansiedade que o vasto núcleo da população rural dos Estados Unidos aguarda, ao ano inteiro, a celebração dos dias inesquecíveis da feira estadual que se realiza ao aproximar-se a época da colheita, no outono. Durante o período canicular do verão os agricultores de todos os quadrantes do país sentem-se animados pela expectativa do grande certame que vem compensar esforços, premiando o zelo e a habilidade daqueles que semearam melhor e mais se esmeraram no amanho da terra, ou se revelaram mais capazes na criação de finos espécimes de gado. Por isto, os prêmios conferidos, seja o emblema de distinção com o tradicional palmo de fita azul, ou a clássica

A conservação de alimentos intensifica a competição entre as donas de casa. Na gravura vemos algumas amostras de gêneros alimentícios de conserva

taça de prata, ambos significam muito mais que dinheiro de contado para o venturoso recepitente. É uma recompensa de verdadeira repercussão. Os prêmios, entretanto, são apenas um dos detalhes da feira. As exposições também têm outros propósitos de definida expressão na agricultura e pecuária nacional: o da educação e disseminação de novas idéias e novos métodos. Além disto, proporcionam naturalmente assunto de largo interesse para palestras durante as noites de inverno, ao calor amigo das lareiras. É a ocasião propícia para comentários e troca de opiniões que aproveitam a todos que labutam na vida do campo. Mas sem os prêmios que tanto animam o ardor das competições, as feiras estaduais não chegariam a ocupar, em menos de um século, lugar de tanta proeminência nas atividades agrícolas dos Estados Unidos.

Há noventa e três anos o Estado de Iowa, na zona central, organizou a primeira feira e exposição pecuária, por ocasião da época da colheita, "para disseminar a educação agrária e incrementar o aperfeiçoamento da agricultura." Hoje, a área do recinto da feira de Iowa está avaliada em mais de dois milhões de dólares e a renda das entradas durante a semana do certame é de quinhentos mil dólares. A exposição não é organizada para dar lucros, por isso que seus fins são "essencialmente educacionais", mas a concorrência é tão numerosa que, depois de pagas tôdas as despesas, há sempre lucro.

Em geral, o local escolhido para o recinto das feiras é, de preferência, uma grande área de terreno à margem de um rio, sendo os edifícios construídos de acordo com as necessidades do certame, estadual ou municipal. Alguns dos edifícios são de carácter permanente. Na maior parte, os recintos de exibições que pontilham a zona rural dos Estados Unidos dispõem do seu próprio aeródromo. Antes da guerra, um dos divertimentos prediletos era o passeio aéreo, por três dólares. Por estranho que pareça, é o apêgo à terra que desperta em muitos agricultores o interesse de "voar, vêr de cima suas próprias plantações." Conheço vários que têm feito seus primeiros e únicos vôos durante a semana da feira. Pedem ao piloto para vôar por sobre suas terras e, do avião, procuram desvendar os menores recônditos no panorama que se descortina sob seus olhos extasiados. E sacodem a cabeça, numa incontida expressão do inacreditável, quando comparam o conjunto da topografia com as terras que são suas, produto dos esforços e da dedicação de uma vida inteira, semeando, plantando, colhendo, zelando, enfim, todo

(Continúa)



A semana da feira é um grande acontecimento para os juvenis do campo, como este sentado à direita, que exhibe um exemplar da sua criação. Em baixo destaca-se um dos aspectos favoritos das festividades — o parque de diversões com o carrossel, os jogos, os doces e sorvetes que tanto contribuem para o êxito





Milhares de espectadores passam em revista os exemplares de gado premiado na feira estadual. Este é um dos momentos de grande interesse no certame

palmo de solo abençoado por uma produção farta e compensadora. Alongam a vista, acompanhando o curso do rio, observando a floresta; comparem a sua fazenda com as dos vizinhos e terminam o vôo satisfeitos de terem se certificado da realidade. Para eles, o avião não tem mais outra utilidade.

As feiras têm invariavelmente uma grande arquibancada de onde o numeroso público, composto de gente do campo e das cidades, assiste ao desenrolar da série de provas desportivas, algumas bastante sensacionais. Há as corridas de cavalos, as corridas de bicicletas e, antes da guerra, as de automóveis, dirigidos ousadamente por experimentados concorrentes. Em cada curva, a uma velocidade fantástica, a multidão se agita em frêmitos de entusiasmo e pavor, testemunhando lances de perícia e intrepidez de arrear o cabelo.

Noutros pontos do recinto também há diversões para tôdas as preferências: a luta romana, os dansarinos, os acrobatas; cantores, palhaços e ventriloquistas; as ciganas, no seu tradicional chamariz de revelar o passado, o presente e o futuro; as roletas, onde o prêmio pode ser um macaco de pano, empalhado, ou uma formosa boneca de vestido vistoso. Não obstante esse ambiente de festividade e divertimento, o propósito das feiras continua inalterável. A despeito das corridas de cavalos, da

música e dos acrobatas, a verdadeira expressão da feira se encontra num simples exemplar de suino ou num bolo típico da habilidade de uma dona de casa que se preza dos seus pendores de boa doceira. Os refrescos, os sorvetes e a alegria comunicativa que completam toda feira, grande ou pequena, não diminuem a satisfação de ver um prêmio conferido a um parente ou amigo, destacando-o entre os concorrentes que exibem um fino exemplar de gado, um legume ou qualquer trabalho manual.

No edifício principal da feira e noutros anexos para a mostra pecuária, os concorrentes aguardam impacientemente a decisão dos juizes. Na exibição, a variedade é grande: suínos, equinos, galináceos, vacas leiteiras, novilhas, reprodutores de raça; legumes, frutas, trabalhos manuais e até poesias. Trata-se de expôr o que de melhor se produziu no Estado no decorrer de um ano de trabalho. E cada concorrente considera naturalmente o seu produto o melhor não somente do Estado, mas do mundo inteiro.

Acontece frequentemente haver um maior incentivo do que os poucos dólares de um primeiro prêmio. O criador cujo suino foi distinguido pela sua excelente qualidade pouco se importa com o alto custo que lhe acarretou a exibição do exemplar. Ele bem sabe que será fartamente recompensado pela renda que lhe advirá alugando o animal a outros criadores.

Bom comida também é um dos melhores detalhes essenciais de toda feira, achando-se os restaurantes a cargo de espôsas dos fazendeiros da localidade



A Deã Virgínia Gildersleeve

A BRILHANTE CARREIRA DA ÚNICA MULHER DELEGADA À CONFERÊNCIA DE SAN FRANCISCO

A INDICAÇÃO de Miss Virgínia C. Gildersleeve, ilustre deã do Barnard College, instituto feminino de ensino da Universidade de Colúmbia, de Nova York, para fazer parte da delegação dos Estados Unidos à Conferência das Nações Unidas, em San Francisco, constitui, indubitavelmente, uma das mais expressivas honrarias conferidas a uma mulher norte-americana. No caso presente significa também o apogeu de uma brilhante carreira de constantes e inteligentes esforços, durante um quarto de século, a bem da cooperação internacional como condição básica para uma paz verdadeiramente proveitosa e estável.

“Desde a última conflagração que venho me dedicando assiduamente à solução do problema da segurança internacional,” declarou a infatigável educadora; “e a isto continuarei a dedicar-me com o maior entusiasmo, inda que com fracos préstimos.”

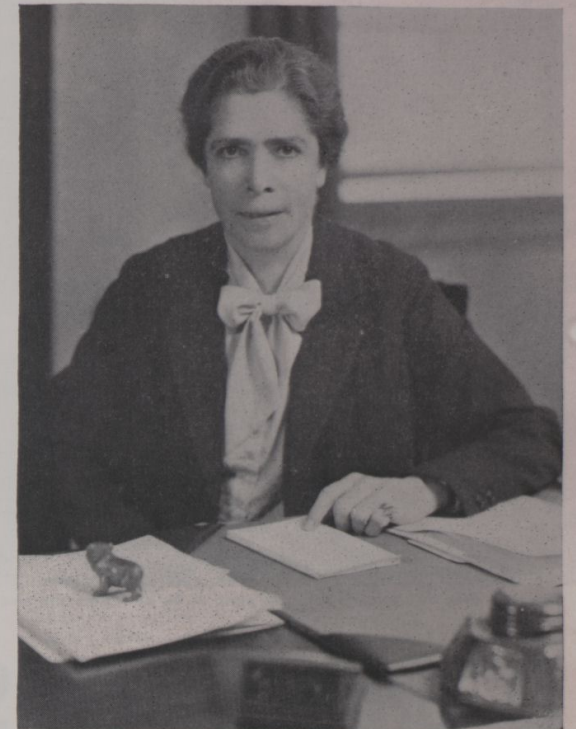
Depois da primeira guerra mundial, Miss Gildersleeve considerou que a organização de uma federação internacional universitária feminina poderia tornar-se um poderoso fator no propósito de remediar as causas da guerra. A seu ver, o elemento feminino militante em atividades de ordem pública e em educação de certo estimularia uma franca atitude, no mundo inteiro, em favor do internacionalismo. A Dra. Caroline Spurgeon, reconhecida autoridade em Shakespeare, professora da Universidade de Londres e uma das maiores amigas e admiradoras de Miss Gildersleeve, prontificou-se imediatamente a cooperar na formação de uma federação feminina internacional. Ambas conseguiram o apóio e solidariedade de numeroso núcleo feminino tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, ficando mais tarde Miss Gildersleeve como presidente da organização norte-americana.

A grande cruzada

Por vinte anos consecutivos, durante o período das férias, no verão, visitava a Inglaterra e, juntamente com Miss Spurgeon, comparecia às reuniões da federação realizadas anualmente. Reuniram-se em Oslo, Cracóvia, Budapeste, Bruxelas, Stocolmo e Helsinki. Mais de trinta nações acham-se atualmente representadas na federação, destacando-se entre as nações americanas, o México, o Brasil, Argentina e Uruguai. Mas mesmo que o seu próprio interesse na causa da paz universal não a tivesse levado a tantos países, Miss Gildersleeve inclina-se a acreditar que, dada a natureza de suas funções, qualquer deã do Barnard College tornar-se-ia naturalmente interessada no sempre momentoso objetivo da cooperação internacional. O conceituado instituto do educação absorve consideravelmente a influência de Nova York, a metrópole mais cosmopolita do mundo. E a Universidade de Colúmbia, à qual está filiado o Barnard College, tem sempre se distinguido pela sua larga visão de franco internacionalismo. Aliás Miss Gildersleeve atribue em grande parte o seu crescente interesse em assuntos internacionais à construtiva orientação do Dr. Nicholas Murray Butler, presidente da Colúmbia e, há muitos anos, dirigindo as atividades da Fundação Carnegie dedicada à obra e aos ideais da paz internacional. Trata-se, pois, de uma influência das mais significativas na vultosa causa que terá na Conferência das Nações Unidas, em San Francisco, uma de suas maiores realizações.

Muitos têm sido as estudantes e professoras de várias nacionalidades convidadas pela deã do Barnard College para cursarem e lecionarem no reputado centro de educação que ela dirige. Há atualmente 56 estudantes estrangeiras, inclusive do México, da Nicarágua e da Costa Rica. Até da Pérsia e da China vieram duas estudantes, apesar de tôdas as dificuldades de transporte por causa da guerra. Em anos anteriores têm havido alunas argentinas, brasileiras, colombianas, cubanas, bolivianas, chilenas, equatorianas e peruanas. Dentre as professoras visitantes durante a administração de Miss Gildersleeve destaca-se a distinta poetisa, filósofa e educadora chilena Gabriela Mistral.

No Barnard College, Miss Gildersleeve, que também foi uma de suas alunas, dedica às suas altas funções de deã tôdas as energias e a capacidade que têm sido um dos marcos característicos da sua carreira de educadora. Seu dia de trabalho é intenso, respondendo à volumosa correspondência, conferenciando com os membros do corpo docente e atendendo pessoalmente a todos os detalhes que interessam especialmente às alunas.



A deã Virgínia Gildersleeve, do Barnard College, em Nova York, é a única mulher membro da delegação dos Estados Unidos à Conferência das Nações Unidas

Empresta ainda o valioso concurso da sua experiência servindo como consultora do Corpo Auxiliar Feminino da Marinha. Ademais destes encargos permanece proeminentemente participando de numerosas atividades de interesse público, notadamente as de caráter internacional. Conquanto seus trabalhos sempre tenham sido principalmente no crescente âmbito das cogitações femininas, Miss Gildersleeve reconhece que a escolha do governo, indicando-a para representar sua pátria na Conferência das Nações Unidas, significa mais do que dar à mulher um ensejo de apresentar o seu ponto de vista. “De fato represento a mulher americana,” lembra ela; “mas espero também representar os meus concidadãos, em geral. A mulher, em toda parte, está francamente determinada a contribuir para que outra guerra não venha assolar o mundo, conquanto não devamos julgar que os homens, como pais, sofram menos do que as mães quando seus filhos são sacrificados na voragem dos combates. Meu dever é levar o meu esforço para a adoção de medidas práticas substanciando o nosso ardente desejo de paz e de segurança internacional.”

Modesta quanto à sua contribuição como delegada a uma das mais importantes conferências internacionais de todos os tempos, porque vai definir para o mundo novas e ansiadas diretrizes, a deã do Barnard College, não obstante, mostra-se otimista quando se refere aos benefícios que poderão advir da obra de cooperação tão nobremente encetada pelas Nações Unidas. Lembra as dificuldades que os 13 Estados originais norte-americanos tiveram de enfrentar, durante longos meses de debates e negociações, antes de poderem formular definitivamente a Constituição dos Estados Unidos de América, há muitos anos — um documento que ainda permanece como a força viva, vigorosa e altamente expressiva da grande União americana de hoje.

“Lembremo-nos daquele período que parecia ser de terminável ansiedade,” afirma a autorizada internacionalista, “neste momento em que todos enfrentamos os problemas de formular uma constituição para o mundo, e prossigamos em nosso intento com toda coragem e confiança.”



O vapor "Uruguay", que aqui vemos no pôrto do Rio de Janeiro, era uma das unidades mercantes mais populares na linha atlântica sul-americana

O "Uruguay" em Serviço de Guerra

O comandante Albert P. Spaulding, do vapor "Uruguay"—que já fez dezessete viagens com o seu navio, desde a entrada dos Estados Unidos na guerra



MAIS UMA ETAPA NA SUA ÚTIL CARREIRA

NA escuridão da noite navegava o vapor *Uruguay* conduzindo passageiros cuja lista era fóra do comum—milhares de combatentes. Não mais se viam os passageiros civis que costumavam encher seus belos salões e as cobertas: os homens de negócios, os casais em lua de mel; os professores e estudantes das repúblicas vizinhas. Não mais resplandeciam seus salões, féericos de luz, em festividades comunicativas, ao som de orquestras que anivavam as dansas e a alegria de viagens que sempre deixavam gratas recordações.

Nesta noite, não havia música; apenas o constante rugido das ondas revoltas na imensa escuridão. O *Uruguay* fazia parte de um combôio que ia enfrentando tremendo temporal, e a chuva torrencial que então caía dificultava mais ainda a observação nos navios. De repente, em plenas águas distantes do Atlântico convulsionado pela tormenta, deu-se o inevitável. Do costado do *Uruguay* acercou-se um vulto disforme, medonho. Segundos depois sentiu-se um tremendo choque, seguido do ruído agudo de ferro partido, de chapas que fendiam e de madeira que lascava. E um ressoar indescritível de vozes humanas, numa confusão de gemidos, de ordens e gritos de horror.

O navio tinha sido abalroado por outro companheiro de combôio. O comandante correu ao porão, com o imediato. Os poderosos rojos de luz de seus holofotes revelavam a extensão das avarias: a prôa de um navio petroleiro havia causado um enorme rombo de mais de dez metros de profundidade e sessenta de largura no transporte de guerra. O rombo ia da quilha à primeira coberta. Havia muitos soldados tolhidos nos escombros. A água invadia os porões. A escuridão dificultava a ação dos mais ousa-

dos, pela ameaça de caírem vítimas de fios elétricos que se arrebentaram, de agudas arestas de chapas partidas e de tantos outros escolhos. Contudo, o comandante e seus assistentes hesitaram apenas o bastante para pensar numa solução. Um por um, foram retirados aqueles que jaziam imprensados, numa operação tão delicada quanto permitia o tremendo jôgo do navio, e levados para a coberta, afim de receberem os cuidados médicos. Numa rápida verificação constatou-se a morte de vários soldados, esmagados, e o ferimento de mais de cinquenta.

A emergência, porém, estava apenas começando. A água jorrava aos borbôtes pelo rombo no costado do navio. O comandante, com seus 20 anos de experiência de vida do mar, tomou as providências que o caso exigia. O petroleiro estava muito ocupado com a sua própria salvação, não podendo prestar socorro algum. O resto do combôio não podia ser retardado na sua marcha, tal a importância da sua missão militar. Não obstante, o *Uruguay*, com sua preciosa carga de tropas, tinha que chegar a porto seguro—sem auxílio de outros.

O comandante mandou construir uma antepara, para impedir a entrada da água do mar. A fúria do temporal arrebentou a antepara, e o trabalho teve que ser feito novamente. Durante três dias todos a bordo permaneceram em terrível ansiedade, mas o navio avariado conseguiu sobrepôr-se à violência dos mares e das intempéries. E o *Uruguay* conseguiu finalmente alcançar o pôrto.

Seu comandante, o capitão Albert P. Spaulding, não se considera nenhum herói, mas simplesmente um dos inúmeros homens do mar que estão servindo à pátria, na gigantesca luta pela vitória. Semanas após a colisão, foi ele surpreendido com o recebimento da medalha por Serviços Distinguidos, da marinha mercante dos Estados Unidos. A citação oficial declarava: "O comandante Spaulding, pela sua calma e habilidade ao enfrentar a situação de extremo perigo contribuiu, indubitavelmente, para



Seus salões passaram por completa transformação para alojar o maior número de soldados, em suas contínuas viagens como transporte de guerra

salvar muitas vidas, salvando também o seu navio e a sua valiosa carga de material bélico. Sua coragem e iniciativa dignificaram as gloriosas tradições da Marinha Mercante dos Estados Unidos."

O *Uruguay* é apenas um dos muitos paquetes chamados ao serviço de guerra pela necessidade de apressar a vitória. Anos antes, o navio era um dos mais conhecidos na rota sul-americana, na crescente movimentação de mercadorias e passageiros entre as repúblicas americanas. A sua inclusão entre os transportes de guerra marca mais uma etapa na sua brilhante e útil carreira, e é possível que nas plagas americanas nunca mais tenham oportunidade de vê-lo novamente em sua missão de fiel mensageiro do intercâmbio comercial do continente. Os navios mercantes, quando passam a ser transportes de guerra, são como qualquer outro combatente—levam uma existência de imprevistos, em que o perigo desponta a cada minuto de sua atividade de todo dia. Contudo, se o comandante Spaulding puder sair-se de todas as emergências como o fez naquela noite memorável, o *Uruguay* será um dos veteranos a reassumir sua carreira nas rotas interamericanas, quando o mundo voltar à paz.

O comandante, agora com 55 anos, tem percorrido os mares mais arriscados, do Atlântico-sul ao Báltico. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, ele estava a cargo da inspeção de navios em construção nos estaleiros de Chester, Pensilvânia. Oficial mais antigo de sua frota, poderia ter escolhido muitas outras responsabilidades. Mas, como velho marinheiro, preferiu voltar ao seu posto no mar, comandando navio. Naquela ocasião, a guerra submarina constituía a suprema ameaça. O comandante Spaulding, porém, encarou a perigo como o encaram todos os profissionais avelhantados nas lides do mar—disposto a vencê-lo.

Depois da guerra, seu ardente desejo é tornar à sua família, para um merecido repouso, desta vez mais prolongado, no seu pitoresco sítio em Pensilvânia. Mas até lá, seu posto continua a ser comandando o *Uruguay*.

Desde que deixou a linha sul-americana, o "Uruguay" tem transportado milhares de combatentes, em combôios, com rumo aos portos do teatro da guerra





Um dos efeitos da guerra tem sido aumentar o interesse pela leitura, aumentando a publicação de livros. Os problemas do momento empolgam o público

O que se lê nos Estados Unidos

A VARIADA PREFERÊNCIA DE UM PÚBLICO INSACIÁVEL

FOI o criador de Don Quixote quem afirmou que "não há livro tão mau em que não se encontre algum proveito." Mas Cervantes disse isto nos princípios do século dezessete, nos tempos anteriores à fecundidade com que a máquina de impressão começava a produzir livros, romances, histórias, biografias e manuais de cozinheiro. É possível que até mesmo Cervantes mudasse de opinião se tivesse ensejo de visitar hoje as bibliotecas públicas de Nova York, do Rio de Janeiro, de Santiago ou da Cidade do México.

É bem certo que um público se define através da predileção da sua leitura. Para isto contribuem, nos Estados Unidos, um Emerson ou um Walt Whitman; no Brasil, Euclides da Cunha, Bomfim ou Gilberto Freyre; no Uruguái, Rodo; em Cuba, Martí e Hostos. A lista é longa, mas o princípio é eterno. Um bom livro é coisa sagrada. "Matar um homem é tão cruel como matar um bom livro", disse John Milton. Não admira, pois, os protestos do mundo quando os céberes germanos encetaram sua obra de extermínio de bons livros. Os Estados Unidos são prolíficos em livros. Em 1944 foram adicionados à lista 6.970 livros novos, cifra aliás reduzida em comparação com a do ano anterior, que foi de 8.325. Muitos têm uma venda de poucas centenas de exemplares; outros atingem a centenas de milhares. Alguns são bons, poucos se enquadram como excelentes e muitos são medíocres senão abaixo da crítica. Um visitante que viesse do planeta Marte teria

Bibliotecas ambuantes, em caminhões e ônibus, levam o livro ao público leitor nos pontos mais afastados da vasta zona rural



grande dificuldade se tentasse julgar os Estados Unidos pela espécie de livros que seu povo lê. Acabaria concluindo que numa população de 135 milhões de habitantes é surpreendente a variedade de gostos.

Os livros de ficção encabeçam a lista, quanto às vendas. O romance e a novela jorram profusamente. Como sempre, há trabalhos que não passam da trivialidade; há os imprestáveis, mas, em compensação, destacam-se alguns excelentes. O interesse pela ficção é fácil de explicar nestes anos de guerra. Com dez milhões de combatentes em ação quase não há família que não tenha um parente ausente nas frentes de batalha na Europa ou no Pacífico. O gênero ficção presta-se como válvula emotiva, aumentando, portanto, a popularidade do romance. *The Robe*, de Lloyd Douglas esgota as suas edições de centenas de milhares. Outros romances de crescente preferência são *Great Son*, de Edna Ferber; *The Bolinvars*, de Marguerite Bayliss, baseado em episódios dos primeiros tempos da república norte-americana; *Forever Amber*, de Kathleen Winsor, cuja ação revela as intrigas da corte de Carlos II, da Inglaterra; *The Green Years*, de A. J. Cronin, que se desenrola em cenário escocês, e *The Razor's Edge*, de Somerset Maugham, sempre um dos maiores favoritos do público norte-americano.

Mas nem todos os romances de popularidade entre o público americano se restringem às divagações emotivas de mera ficção. Destacam-se alguns cujo mérito é uma profunda penetração nos domínios da

sociologia e da psicologia. John Steinbeck, um autor de influência tão marcante desde o aparecimento do seu *Grapes of Wrath*, apresenta-se com um novo trabalho, *Cannery Row*, cuja análise fundamental põe em interessante realce os problemas da justiça social. Lilliam Smith com seu *Strange Fruit* expande-se como um empolgante documento da vida no interior do sul norte-americano. Não é obra para deixar agradáveis memórias, por isso que é uma revelação de relações raciais. Outros trabalhos nos Estados Unidos contribuem para a reconstrução histórica, como por exemplo, *The History of Rome Hanks*, de Joseph Stanley. Impõe-se como excelente interpretação da época da guerra civil norte-americana. *The Heart of Jade*, de Salvador de Madariaga nos desvenda a situação na Espanha e no México no período pouco antes e durante a conquista de Cortes.

O público norte-americano está finalmente tendo a satisfação de ler em inglês muitas obras de autores das demais repúblicas americanas, através de excelentes traduções. Dentre as mais notáveis, recentemente, encontra-se *Os Seteões*, de Euclides da Cunha; *Resplendor*, de Maurício Magdaleno, mexicano, impressionante capítulo do período revolucionário de sua pátria; *La baía del silencio*, de Eduardo Mallea, da Argentina; Enrique Amorim, em *El caballo y su sombra*, vigoroso episódio da longa luta entre os senhores feudais e os imigrantes, no Uruguái; *Canapé-Vert*, de Pierre Marcelin e Philippe Thoby-Marcelin, do Haiti; *A Fogueira*, de Cecílio J. Carneiro, a história de um imigrante sírio no Brasil; do Perú, há dois trabalhos de Ciro Alegria, *El mundo es ancho y ajeno* e *La serpiente de oro*; e ainda do Brasil, *Estradas Cruzadas*, de Erico Veríssimo, trabalho de um escritor de raros encantos e qualidades de penetração que ajudam o forasteiro a compreender o ambiente brasileiro.

O interesse pela biografia

De não menor significação é o interesse do público americano pela biografia. Já dissera Thomas Carlyle que "a história universal, relatando a obra dos homens no mundo é, fundamentalmente, a história dos grandes homens." Daí a atração que se sente pela biografia. Um dos melhores trabalhos no gênero é *Samuel Johnson*, de Joseph Wood Krutch, tratando de uma personalidade a um tempo tão captivante e desconcertante que ainda desperta imensa curiosidade mesmo depois de cento e cinquenta anos de sua morte. Outra obra biográfica de grande popularidade é *Yankee from Olympus*, de Catherine Drinker Bowen, interessante estudo sobre uma ilustre triade — Oliver Wendell Holmes, um dos maiores juristas norte-americanos, seu pai, do mesmo nome, escritor de extraordinária proeminência, e seu avô. Há igualmente numerosos novos trabalhos sobre Abraham Lincoln e outros heróis da vida nacional norte-americana. Permanece, entretanto, nas estantes americanas, uma lamentável lacuna — a de biografias, em inglês, dos grandes vultos das demais nações do hemisfério. Existem alguns livros sobre Simón Bolívar e San Martín, mas nenhum pode ser considerado como o estudo que era para desejar quanto à extraordinária contribuição desses libertadores. Seria grande serviço

A Cruz Vermelha facilita aos enfermos em geral e aos combatentes em tratamento nos hospitais a leitura de grande variedade de livros de atualidade



prestado à causa interamericana a tradução para o inglês de livros já publicados ou a serem escritos sobre a vida de grandes vultos — Rivadavia, Sarmiento, Dom Pedro II, Rio Branco, O'Higgins, Diego Portales, Martí, Juárez e outros, de brilhante projeção histórica, cujos feitos constituem interessante leitura para o público nos Estados Unidos.

Nos domínios da história também está se lendo muito, e a produção é das mais expressivas e estimulantes. "Somente num país livre pode a história ser bem escrita", disse Voltaire. Nunca na existência dos Estados Unidos se escreveu história com maior franqueza. E' de Charles A. Beard e sua esposa, Mary Beard, *A Basic History of the United States*, de publicação recente e de enorme aceitação. Van Wyck Brooks, escreveu *The World of Washington Irving*, história literária dos primeiros tempos da república, quando os norte-americanos estavam em grande atividade, descobrindo-se a si mesmos. Douglas Southall, em *Lee's Lieutenants*, desvenda empolgantes capítulos da guerra civil.

A guerra atual, naturalmente, domina as preocupações do público leitor. Os livros escritos sobre a guerra refletem, em sua maioria, o pensamento da nação, encarando o mundo em que ela vive, o mundo que continuará para as futuras gerações. Num longo poema de 62 páginas, *My Country*, Russell Davenport reflete a ansiedade e a fé com que está se combatendo nesta guerra. Outros escritores apresentam excelentes análises da forma de paz que virá. Sumner Welles, antigo sub-Secretário de Estado dos Estados Unidos, atraiu milhares de leitores para seus trabalhos *The Time for Decision*, recentemente traduzido para o espanhol, e *An Intelligent American's Guide to the Peace*. Wendell Willkie, morto prematuramente, escreveu *An American Program*, acusando magistralmente a covardia do isolacionismo e apelando para um novo destemor. Walter Lippmann, sempre astuto, serviu para esclarecer certos aspectos do pensamento nacional com o seu livro *United States War Aims*. Um dos melhores trabalhos desta categoria é o romance *A Bell for Anano*, de John Hersey, no qual o autor relata a história de uma cidade italiana sob o domínio aliado. Pungente em seu cenário de devastação, mostra-nos a realidade da grandeza da obra de reconstrução de um mundo esfacelado.

Todos estes livros revelam a intensidade da preocupação a respeito de áreas do mundo até então pouco conhecidas. O público está lendo mais do que nunca sobre a China, Índia e África. Há também outro ponto de primacial interesse — o da vida da nação depois que cessarem as hostilidades. *Tomorrow's Business*, de Beardsley Ruml, por exemplo, é obra de um espontâneo intérprete de esclarecidos homens de negócios, uma análise das forças que entrarão em jogo na vida de negócios norte-americana, inclusive a órbita do comércio internacional. Há ainda o livro de Van Doran, *Liberal Education*, no qual o autor faz um exame das diretrizes predominantes nas escolas dos Estados Unidos. Este e muitos outros livros atestam a profunda preocupação norte-americana de dar-se à obra da educação todo o vigor e cuidado que tão mágnio assunto requer. Os problemas educacionais continuam sendo estudados à luz de muitos anos de proveitosas experiências agora destinadas a resultados definitivos.

Nos postos navais e militares situados em todos os recantos do mundo há inúmeras pequenas bibliotecas postas à disposição de soldados e marinheiros





O construtor Henry Kaiser demonstra num modelo-miniatura como se faz rapidamente, em seus estaleiros, a construção de navios cargueiros para a guerra

UM GRANDE CONSTRUTOR

HENRY KAISER, CONSTRUINDO NAVIOS, GANHOU A REPUTAÇÃO DE REALIZAR O IMPOSSÍVEL

QUASE todos os meses um robusto construtor naval da Califórnia, de 63 anos, chega a Washington para conferenciar com as altas autoridades. É Henry J. Kaiser que, apesar de não aparentar isso, é talvez o industrial mais conhecido nos Estados Unidos. Algumas de suas freqüentes viagens a Washington dizem respeito aos navios do tipo *Vitória*, que ele está construindo para o Departamento da Marinha. Mas, em geral, Henry Kaiser vai discutir sobre suas idéias a propósito da prosperidade de após-guerra, assunto que está despertando grande interesse público.

Kaiser — o construtor que alcançou fama universal por ter feito coisas impossíveis — não concorda com alguns que prevêem uma crise econômica logo após a guerra. Ele acha que tal crise pode ser evitada por meio do livre espírito de iniciativa industrial, da expansão comercial entre as Américas e da reabilitação mundial através da criação de novas riquezas. O essencial, primeiro que tudo, declara ele, é dar a todos, em toda parte, uma oportunidade de trabalhar quando vier a paz. E explica seu ponto de vista: "Quanto maior for o número daqueles que trabalham, maior será o mercado comprador, maior o público consumidor e maior a

necessidade de abastecê-lo. Novos métodos reduzirão o custo de produção e os preços, aumentando por sua vez o número dos possíveis consumidores. Isto não é nenhuma visão. É simples bom senso."

Alguns observadores inclinam-se a duvidar da praticabilidade das idéias de Kaiser a respeito de uma nova era de metais leves, de super-rodovias, de helicópteros, de automóveis de linhas ultra-dinâmicas, de trens mais velozes, lares ultra-modernos e cidades dotadas de todos os melhoramentos. Mas o abalizado construtor naval aponta várias formas de produção através das quais ele julga que uma tal era de progresso pode ser alcançada depois da guerra. As habitações, por exemplo. Calcula-se que pelo menos dez milhões de novas casas de residências serão necessárias nos Estados Unidos, quando se restabelecer a paz. Outro importante campo a explorar é o dos transportes, que demandará um extraordinário aumento do número de automóveis e aviões. Melhores rodovias terão que ser construídas. Haverá ainda maior urgência de melhor educação e instrução; de maiores cuidados médicos e maior expansão das oportunidades de recreação. Adicione-se a estas atividades já existentes tais progressos como os alcança-

dos, por causa da guerra, no domínio da televisão e dos elétrons e, afirma Henry Kaiser, teremos os necessários elementos para gerar e desenvolver um volume imenso de trabalho aproveitável a milhões de pessoas. Muitos destes projetos pagarão por si mesmos, não exigindo, portanto, nenhum aumento de dívida pública.

Mesmo os que não concordam com o ponto de vista de Kaiser em matéria concernente ao período de após-guerra reconhecem que as suas realizações durante a guerra não são as de um simples teorista. Tem-se dito e repetido que Kaiser, antes de 1941, nunca havia pisado num estaleiro de construção naval. Todavia, depois de ter assinado o seu primeiro contrato para construir navios, naquele ano, ele construiu um estaleiro em dois meses e meio. E em maio de 1942, os seus sete estaleiros na costa do Pacífico estavam construindo mais navios cargueiros do que todos os demais estaleiros no país. A média da produção nos estaleiros Kaiser era de um navio por dia e, às vezes, mais de um. Em pouco, seus estaleiros estavam entregando os navios vários meses antes da data marcada.

Quando Henry Kaiser começou a construir navios, os estaleiros em geral produziam um navio em dez meses. Os engenheiros de Kaiser reduziram o tempo de construção para trinta dias. E conseguiram isto revolucionando o sistema que passou a ser o de montagem em linha, em vez do método tradicional.

Indústrias e mais indústrias

Com Henry Kaiser cada empreendimento industrial tem produzido outros. Afim de conseguir aço bastante para seus navios, construiu uma usina metalúrgica perto de San Bernardino, na Califórnia, usina que subseqüentemente deu ensejo ao advento de uma nova era industrial na costa ocidental. Seu interesse em aviões de carga motivou a construção de uma fábrica de magnésio, agora produzindo quase 40 milhões de libras por ano desse estratégico metal. Hoje, das empresas Kaiser constam a maior fábrica de cimento do mundo, duas fábricas de asfalto, quinze fábricas de concreto, uma de cal e magnesia, uma de ferro sílica, uma linha de vapores entre San Francisco e Hawaii, duas fábricas de magnésio, duas fábricas de produtos químicos derivados do carvão; uma grande companhia de seguros operários, sete hospitais, duas fábricas de aeronáutica produzindo helicópteros; uma usina de beneficiamento de cascalho e areia, uma fundição de aço, uma grande empresa de equipamento industrial, uma fábrica de pólvora, doze estaleiros de construção naval e várias outras empresas. Nos últimos nove meses, Kaiser edificou um vasto empório de novas atividades avaliado em quarenta milhões de dólares.

Sua surpreendente habilidade de realizar projetos atraiu tanta atenção que passa relativamente despercebida qualquer outra fase da ascensão do grande industrial durante a guerra. Kaiser interessa-se vivamente pelas questões trabalhistas, pelos problemas das habitações, assistência médica e facilidades recreativas que ele proporciona aos seus operários, cultivando idéias avançadas quanto ao futuro papel que o homem de negócios americano terá na reabilitação do mundo. Tudo isto tem feito que alguns observadores descrevam Henry Kaiser como um novo tipo do líder industrial, completamente diferente do legendário tipo que acumulava fortuna explorando a sociedade.

Kaiser nasceu em Nova York, em 1882, filho de humildes imigrantes. Aos onze anos foi trabalhar de aprendiz de fotógrafo. Antes dos 20 anos já tinha economizado dinheiro bastante para comprar o negócio

do patrão. Mais tarde dedicou-se ao negócio de areia e cascalho, fazendo vários trabalhos de calçamento de ruas no Canadá. Sua habilidade de revolucionar os métodos existentes grangeou-lhe grande prestígio entre os construtores. Destaca-se um caso em que, adotando rodas de borracha e rolamentos esféricos nos carrinhos de mão, seus operários puderam carregar o dôbro da quantidade de cascalho e areia necessárias nas construções. De outra feita, atinou os métodos de construção através do uso de motores Diesel em seus tratores.

Em 1924, Kaiser foi a Cuba construir 330 quilômetros de rodovia de concreto sobre terreno pantanoso. Regressou depois aos Estados Unidos para se encarregar das obras de construção, em rápida sucessão, de três das maiores represas do país: a de Boulder, a de Bonneville e a de Grand Coulee. Anos mais tarde, quando se projetava a construção da represa de Shasta, Kaiser foi um dos concorrentes, mas não obteve o contrato. Em compensação, teve o contrato para fornecer toda a areia, cascalho e cimento necessários para a obra. Ao verificar que as estradas de ferro cobravam 27 centavos a tonelada para o transporte de cascalho do seu depósito ao local da represa, Kaiser construiu um transportador de correia de 15 quilômetros de extensão, fazendo o transporte do material a 18 centavos por tonelada.

Sem ter nunca trabalhado na fabricação de cimento, Kaiser construiu a fábrica mais eficiente desse produto no mundo. Foi nessa ocasião que ele começou a se interessar em navios, quando teve que adquirir dois cargueiros para transportar o seu cimento.

Kaiser mantém-se tão ativo viajando de um ponto para outro, no país inteiro, inspecionando suas várias indústrias, que muitos dos seus duzentos mil operários nunca tiveram ainda oportunidade de vê-lo. Viaja geralmente acompanhado de dois de seus principais diretores, conservando-se, entretanto, sempre em contato, pelo telefone, com o seu vasto parque industrial. A freqüência de suas viagens atualmente prende-se em grande parte à atividades de suas atribuições de diretor da operosa organização encarregada de coletar roupas usadas destinadas à Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas, que, por sua vez, faz a distribuição das dádivas entre os povos necessitados nas nações que vão sendo libertadas. É um posto que ele aceitou a pedido do Presidente Roosevelt, em janeiro último, e espera que a grande campanha organizada sob sua direção faça uma arrecadação de setenta e cinco mil toneladas de roupas usadas.

Kaiser mostra-se interessado em vários projetos nas repúblicas americanas, destacando-se os de energia elétrica na Venezuela, e o de metalurgia na Colúmbia e no Chile. Grande entusiasta da cooperação interamericana, ele a considera como fator essencial da prosperidade continental.

Vê-se à esquerda uma das cenas mais comuns para Henry Kaiser — o lançamento de navios ao mar. Mas na gravura em baixo vê-mo-lo inaugurando um conjunto de habitações para operários. São de tipo moderno e construídas segundo novos métodos que, no opinião de Kaiser, darão grande impulso às construções depois de guerra



Elevando as Normas do Jornalismo

EM 1860, um menino de 12 anos, filho de um pioneiro de Wisconsin começou a trabalhar como aprendiz de tipógrafo, nas oficinas de um pequeno jornal do interior. Não era emprego digno de nota, mas para as gerações subsequentes de jornalistas no país inteiro, aquela foi uma memorável ocasião. Porque o pequeno aprendiz progrediu rapidamente, tornando-se um dos líderes do jornalismo norte-americano. E ainda graças aos seus esforços podem muitos estudantes de jornalismo fazer estudos gratuitamente numa das mais notáveis universidades dos Estados Unidos e trocar idéias com os mais lídicos representantes do jornalismo interamericano.

O filho do pioneiro que contribuiu para isto foi Lucius Nieman. De seus 66 anos de jornalismo, 50 foram dedicados à direção do seu próprio diário, *The Milwaukee Journal*. Tão bem se desempenhou ele na obra de consagração aos ideais do jornalismo que lhe foi conferido o prêmio mais ambicionado nos Estados Unidos, o prêmio Pulitzer, por integridade e liderança profissional.

Dessarte era natural que, após a sua morte, a viuva destinasse sua fortuna ao estabelecimento da Fundação Nieman, dedicada a "elevantar as normas do jornalismo americano". Por isto, desde 1938, mais de dez jornalistas distinguidos com a bolsa concedida pela Fundação Nieman reuñem-se na Universidade de Harvard para iniciar o curso de um ano. São jornalistas escolhidos pela universidade como fatores de grande proveito para a profissão e por isto mesmo capazes de desenvolverem mais ainda seus conhecimentos. Todos tiveram um variado início. Uns fizeram o curso universitário, enquanto que outros conseguiram apenas concluir seus estudos secundários. Mas todos já têm uma folha de serviços valiosos na imprensa, à qual dedicaram anos de trabalho e de estudo. Em geral os distinguidos pela bolsa Nieman têm dez anos de serviço ativo profissional.

Uma vez no sua nova fase de aperfeiçoamento na universidade, estes jornalistas não desmentem seus qualificativos e não perdem ensejo de fazer perguntas. Afim de coadunar o curso com o adiantamento profissional dos jornalistas a universidade organizou para eles um programa *sui-generis*. Antes de iniciarem o curso escolhem a especialidade a que pretendem dedicar-se. Uns desejam aprofundar-se em história; outros em assuntos econômicos e problemas internacionais; outros ainda preferem familiarizar-se com matéria científica. Mas, em geral, o interesse mais predominante atualmente é o que se relaciona com os problemas básicos da paz mundial e das relações internacionais.

De maneira a facilitar-lhes o aperfeiçoamento preferido, a universidade os dispensa das pragmáticas do currículo e dos exames. Ficam com ampla liberdade de buscar conhecimentos onde e como lhes parecer mais conveniente. Os professores confessam a sua satisfação pela presença dos jornalistas em suas aulas pela razão óbvia de que eles nunca se dão por satisfeitos com o que lhes dizem. A argúcia profissional sempre demanda uma pequena margem para dúvida, e assim se alimentam as discussões. Alguns deles passam a maior parte do tempo na biblioteca, saciando-se



Junto à estatua de John Harvard: os jornalistas A. Andrade, do Chile; M. Luc Grimard, do Haiti, e P. Bonavides, do Brasil

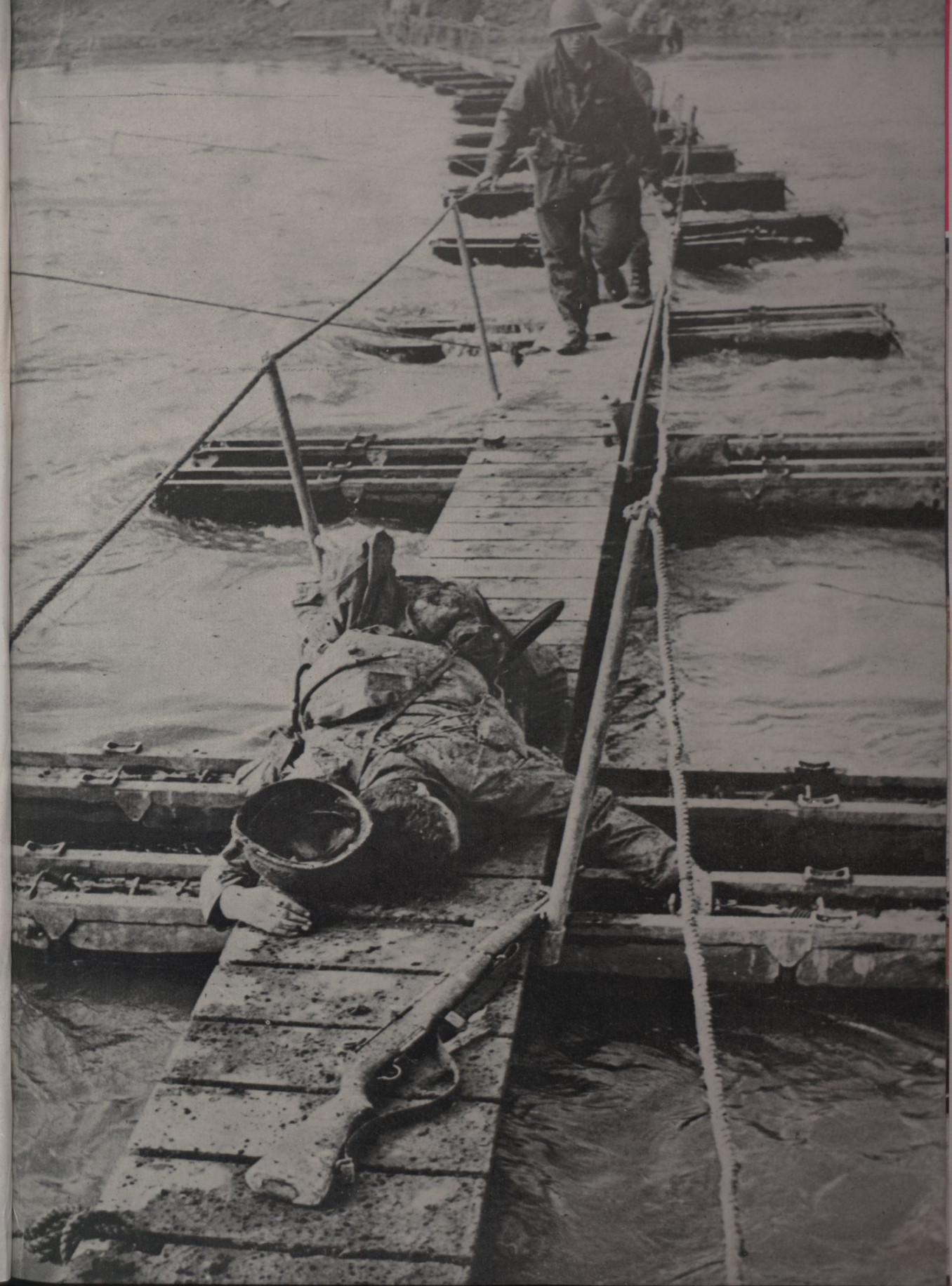
na verificação de fatos de variada natureza. Logo de início, cada jornalista tem a orientá-lo no que lhe for necessário um dos membros do corpo docente, através dos quais são organizadas várias reuniões de grande utilidade. Duas vezes por mês, por exemplo, são convidados para os "jantares Nieman" nos quais há sempre a presença de notabilidades da imprensa, um Walter Lippmann, etc., que apresentam à discussão um tópico qualquer de interesse, tomando parte na apreciação do mesmo os professores presentes. Estes ágapes constituem a única nota especificamente jornalística durante o ano, por isso que a universidade não oferece nenhum curso de técnica profissional aos portadores da bolsa Nieman; o objetivo acadêmico é proporcionar-lhes conhecimentos tais que lhes aumentem a habilidade e proficiência no tratamento dos assuntos a que são obrigados a enfrentar como redatores de jornais.

Várias vezes no decurso dos anos anteriores os jornalistas-universitários têm tido ocasião de trocar idéias e opiniões com jornalistas interamericanos presentes aos "jantares Nieman". O professor C. H. Haring, cuja cátedra na Harvard é história sul-americana, presta-se a servir de intérprete e interlocutor, estimulando assim interessantes perguntas e respostas sobre normas e demais matérias pertinentes ao jornalismo nos diversos países da América. Um dos oradores visitantes, recentemente, foi o jornalista brasileiro Gilberto Freyre.

Outra parte do programa consiste de reuniões semanais, às terças-feiras, das 16 às 18 horas, de cada vez com um professor diferente servindo de encaminhador da discussão. Usa da palavra por espaço de uma hora sobre matéria concernente à sua cadeira e, a seguir, é submetido a um questionário pelos presentes. Todos participam então da discussão, sempre de evidente proveito, pois os jornalistas ouvem e trocam idéias com mais de trinta professores da Universidade de Harvard, nas diversas reuniões.

Há ainda numerosas outras reuniões íntimas nas quais os jornalistas têm oportunidade de consultar e ouvir a opinião de professores sobre importantes tópicos de caráter político e social. Numa destas reuniões, um cronista encerrou vitoriosamente sua discussão com o poeta Robert Frost, citando em abono da sua opinião um dos versos da autoria do próprio bardo, comprovando assim sua habilidade de jornalista criterioso que procura estribar-se em fatos incontrovertíveis.

Dos 77 graduados pelo "curso Nieman" desde 1938, 44 estão novamente na imprensa, trabalhando nas especialidades que escolheram. Sete são agora correspondentes de guerra, espalhados pelo mundo, de Moscou às ilhas Filipinas. Outros sete estão servindo em vários postos do Bureau de Informações de Guerra, do governo dos Estados Unidos, estacionados em distantes cidades, de Bagad a Johannesburg. Dezesete estão servindo nas forças armadas, como correspondentes de combate, e outros ainda dedicam-se a trabalhos de guerra. Alguns têm escrito livros interessantes. Dentre estes destacam-se Leigh White, autor de *Long Balkan Night*; Kenneth Stewart, autor de *News is What We Make It*; Hodding Carter, que escreveu *Lower Mississippi*; e John Crider, autor de *The Bureaucrats*.



As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências Capas e contra-capas interiores e exteriores, respectivamente. Exército americano, PA, Acme, Camera Clix. Página do texto: 1, PA, 2, CAI, PA, 3, PA, CAI, 4, CAI, 5, PA, Acme, CAI, 6, CAI, PA, 7, CAI, Acme, 8, Acme, Int., 9, Acme, 10, II, Mike Roberts Studios, 12, Acme, PA, CAI, 13, Montmeyer, 16, Acme, Int., 17, Acme, 18, Acme, 19, Int., 20, 21, Rebecca Snyder, 22, CAI, 23, CAI, 24, CAI, Guarda do Castelo, 24, CAI, 25, Exército americano, 26, PA, 27, Int., Acme, 28, Acme, 29, Acme, 30, 31, Norman Criscoll (da FPG), 32, Acme, Norman Driscoll (da FPG), 33, Pach Bros., 35, PA, Harris & Ewing, 36, Dick La Ban, Acme, 37, Acme, 38, PA, 39, Int., Acme.

Ao atravessar o rio Roer, na Alemanha, este combatente norte-americano foi tolhido pelo fogo inimigo pouco antes de ganhar a margem oposta →

A AÇÃO DOS SUBMARINOS DOS ESTADOS UNIDOS TEM CUSTADO AOS JAPONÊSES MILHARES DE TONELADAS DE NAVIOS AFUNDADOS



O cortejo fúnebre na ocasião em que o esquife, envolto na bandeira nacional, trazia o grande líder da nação à Casa Branca pela derradeira vez

O novo Presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman, promete continuar a política de Franklin D. Roosevelt

AS últimas palavras escritas pelo Presidente Franklin D. Roosevelt revelam a fé, a coragem e a suprema compreensão dos problemas humanos que o tornaram uma figura querida e exaltada em tôdas as camadas sociais no mundo inteiro. São palavras que ele nunca chegou a enunciar-las, porque a morte interveiu, inesperada e trágicamente. Mas são expressões que permanecerão através dos tempos, traduzindo o nobre pensamento de um grande humanitário, um homem de visão e raras qualidades que o notabilizavam como um inspirado líder, um homem cuja suprema esperança e firme propósito eram a criação de um mundo melhor para todos.

Estas são palavras escritas para um discurso que ele ia proferir no dia seguinte ao de sua morte, por ocasião da comemoração do nascimento de Thomas Jefferson, um dos primeiros e também dos maiores presidentes liberais norte-americanos. Nestas palavras, francamente endossadas por atos e palavras do seu sucessor, Presidente Harry Truman, Franklin D. Roosevelt legou ao mundo a sua vigorosa profissão de fé: "Defrontamos hoje o inescapável fato de que, se a civilização tem de sobreviver, precisamos cultivar a ciência das relações humanas, a habilidade de todos os povos de viverem e trabalharem juntos, em paz, neste mesmo mundo. Hoje, quando reagimos contra o terrível flagelo da guerra,

quando estamos prestes a fazer a maior contribuição de que é capaz qual quer geração de entes humanos neste mundo — a suprema contribuição para uma paz duradoura — peço que conserveis a vossa fé. O valor e a grandeza dessa inestimável contribuição eu o meço pela firmeza da vossa confiança e determinação. E a vós e a todos os americanos conosco dedicados na obra de estabelecer uma paz duradoura, afirmo: o único limite das nossas realizações de amanhã serão as nossas dúvidas de hoje. Prosigamos, pois, com uma fé firme e ativa."

Por muitas razões terá Franklin D. Roosevelt um lugar de honra na História: pela sua clara percepção da maior crise verificada nos tempos modernos e pela coragem com que prontamente a enfrentou; pela sua vultuosa contribuição para salvar a moderna civilização e por seus constantes e extremados esforços a bem de uma paz durável. Para milhões daqueles, em tôda parte, que lamentam tão profundamente a perda de um amigo ao qual, talvez, nunca tenham visto ou conhecido, o Presidente Roosevelt permanecerá na lembrança como um grande e abnegado campeão das esperanças da humanidade por um mundo melhor, mais feliz. O saudoso presidente tinha o dom de se tornar agradavelmente comunicativo a todos, inspirando-lhes no seu trato com eles, uma reciprocidade de íntimos amigos. A expressão de seus sentimentos e



Os restos mortais do grande e saudoso Presidente Franklin Delano Roosevelt são dados à sepultura no jardim da mansão da família, em Hyde Park

propósitos êle a externava a todos igualmente: aos grandes e aos humildes, ao seu próprio povo e aos povos de muitas nações, que dêle guardam a mais viva recordação.

Quiseram os fados que o Presidente Roosevelt orientasse a sua pátria através dos dias mais tenebrosos de sua história. Mas foi-lhe também reservada a satisfação de ver coroados de expressivo sucesso muitos de seus esforços. A vitória militar na guerra mais tremenda de todos os tempos tornara-se certa. Dêle foi a tarefa gigantesca de cooperar para a coligação aliada para ganhar a guerra, pois, a queda de Berlim estava iminente e as tropas dos Estados Unidos em Okinawa estavam a 300 milhas apenas do Japão; e também a tarefa de assentar os alicerces para a estrutura de uma paz firme e proveitosa. Sua fé na habilidade das nações e dos povos de viverem em pacífica associação de trabalho e de interesses, fruindo uma segurança mútua, ficará imorredoura no coração de todos os povos pacíficos da terra.

A rígida estrutura da democracia norte-americana suportou estôicamente o formidável choque causado pela morte de seu presidente. Mesmo em meio do seu profundo pesar, a nação, sob a liderança de seu novo presidente, prosseguiu confiantemente na execução de seus objetivos para alcançar a vitória e uma paz permanente. Ao assumir o seu novo posto, na transição constitucional, de vice-presidente para presidente, s.excia. imediatamente fez saber ao mundo que seguiria conscienciosamente a política interna e internacional do seu ilustre antecessor. "Será meu propósito," afirmou solenemente, "prosseguir conforme acredito que o presidente Roosevelt teria prosseguido."

A todos quantos tem a si o encargo de ganhar a guerra e de contribuir para uma paz verdadeiramente promissora, o Presidente Truman levou as maiores garantias — se garantias ainda fossem precisas — de que o governo dos Estados Unidos está decididamente disposto, tal como estava sob Franklin Roosevelt, a manter e cultivar para todo o sempre a política de Boa Vizinhança não somente com relação ao continente americano como a todo o mundo.

"Já aprendemos ser impossível vivermos em paz sozinhos," dissera o Presidente Roosevelt em seu discurso inaugural: "e que o nosso próprio



O novo Presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman, em companhia de sua esposa, chegando à Casa Branca, em Washington, para assistir às exéquias

bem-estar depende do bem-estar de outras nações, embora distantes." Quanto a este esclarecido princípio, o Presidente Truman imediatamente assegurou "não haver alteração alguma de propósito ou solução de continuidade na política exterior do governo dos Estados Unidos."

"Continuaremos na mesma ação decisiva, com as outras Nações Unidas, para alcançar a vitória cujo fim será privar a Alemanha e o Japão dos meios com os quais possam jamais cometer a agressão, e o estabelecimento de uma organização universal com poder bastante para manter a paz permanente e assegurar a todos a mais ampla oportunidade de uma existência melhor."

Em sua primeira mensagem dirigida ao Congresso Nacional, o Presidente Truman enfaticamente acentuou que, quanto à guerra, "nosso objetivo é e continua a ser: a rendição incondicional." E ao mesmo tempo realçou, como de capital importância, a continuação da cooperação internacional entre as Nações Unidas, acrescentando: "Conquanto os grandes Estados tenham a responsabilidade especial de manter a paz, essa responsabilidade se firma na obrigação comum a todos os Estados, grandes e pequenos, de não fazerem uso de força em suas relações internacionais, senão em defesa da lei. A responsabilidade dos grandes Estados é de servir, e não de dominar os povos do mundo."

O Presidente Truman lembrou que sob a orientação do Presidente Roosevelt "grandes progressos foram alcançados a bem da realização de um sistema de vida realmente democrático." Garantiu também que "não diminuiria os esforços para melhorar cada vez mais as condições do povo em geral." E assim encerrou a sua oração perante o Congresso:

"Só aspiro ser um bom e fiel servo de meu Deus e de meu povo." A causa tão achegada ao coração do Presidente Roosevelt — a causa da política de Boa Vizinhança e da cooperação interamericana no concôrto de tôdas as nações do mundo — mereceu do Presidente Truman eloqüente garantia: "Apóio de todo o coração a política de Boa Vizinhança da qual foi autor o presidente."

O Presidente Roosevelt tinha preparado um discurso para ser proferido no Dia Panamericano, que caía dois dias depois da data do seu falecimento. Nessa momentosa mensagem, o saudoso presidente declarava que os acordos realizados, êste ano, na Conferência Interamericana do México, "tinham uma significação que transcendia os limites deste hemisfério." Continuava ainda a mensagem:

"Os acordos renovam as garantias de que as nações americanas tencionam viver não somente como bons vizinhos entre si, mas também como bons vizinhos num mundo de vizinhos. Os governos e os povos do hemisfério ocidental comungam da idéia de que a manutenção de uma paz permanente na América está ligada à paz no mundo inteiro. Para as longas e difíceis tarefas de organização do mundo para tão ansiada paz, as nações americanas contribuirão com valiosos princípios e eloqüente experiência que servirão enormemente para a consecução de tão amplo propósito."

O Presidente Truman declarou-se inteiramente solidário com o espírito e a forma destes objetivos.

Assim, em suas horas de extrema aflição pela perda de um grande e galante líder, a nação sabia perfeitamente qual era o seu destino e a razão por que se animava a segui-lo. Em sua máguia, aumentava a sua unidade de esforços e de propósito, numa impressionante demonstração de apoio e solidariedade ao seu novo comandante-em-chefe.

A nação sabia que o novo presidente tinha sido apoiado pessoalmente pelo Sr. Roosevelt para ser o seu companheiro de chapa, na última campanha eleitoral. Sabia também que, dentre outras razões, o Sr. Truman fora escolhido porque a sua candidatura era aceitável a todos os grupos e podia unir e manter unidos os vários elementos componentes do partido político dominante dos Estados Unidos.

Quanto à prossecução da guerra, o povo norte-americano sabia que o Presidente Truman, em consequência de suas atividades, numa das comissões de inquérito do Senado, sobre problemas relativos à guerra, tinha um conhecimento mais íntimo de todo o esforço bélico do que qualquer outro alto dignatário oficial. A sua afirmação, é, pois no sentido



A passagem do cortejo funebre pelas ruas de Washington provocou cenas pungentes como esta

de continuar a guerra, inexoravelmente, em tôdas as frentes até à vitória. O President Truman, como o seu grande predecessor, sabe que defronta tarefas de gigantescas proporções. Contudo, aos 61 anos de idade, o filho de um agricultor do vale do Missouri, e trigésimo-segundo presidente dos Estados Unidos, conta com a confiança do povo na sinceridade e habilidade com que se desempenhará da execução da política do ex-presidente. Com êste objetivo em vista, o Presidente Truman mostrase calmamente determinado, não somente por se tratar de um ponto de honra, como pela sua profunda convicção quanto à justiça e sabedoria dessa política.

Em seus últimos dias, a vitória militar estava tão certa no espírito do Presidente Roosevelt que suas preocupações já pendiam essencialmente para os problemas da paz. Esta era a causa que êle sentia mais perto do seu coração, desde o seu primeiro discurso inaugural, em 1933.

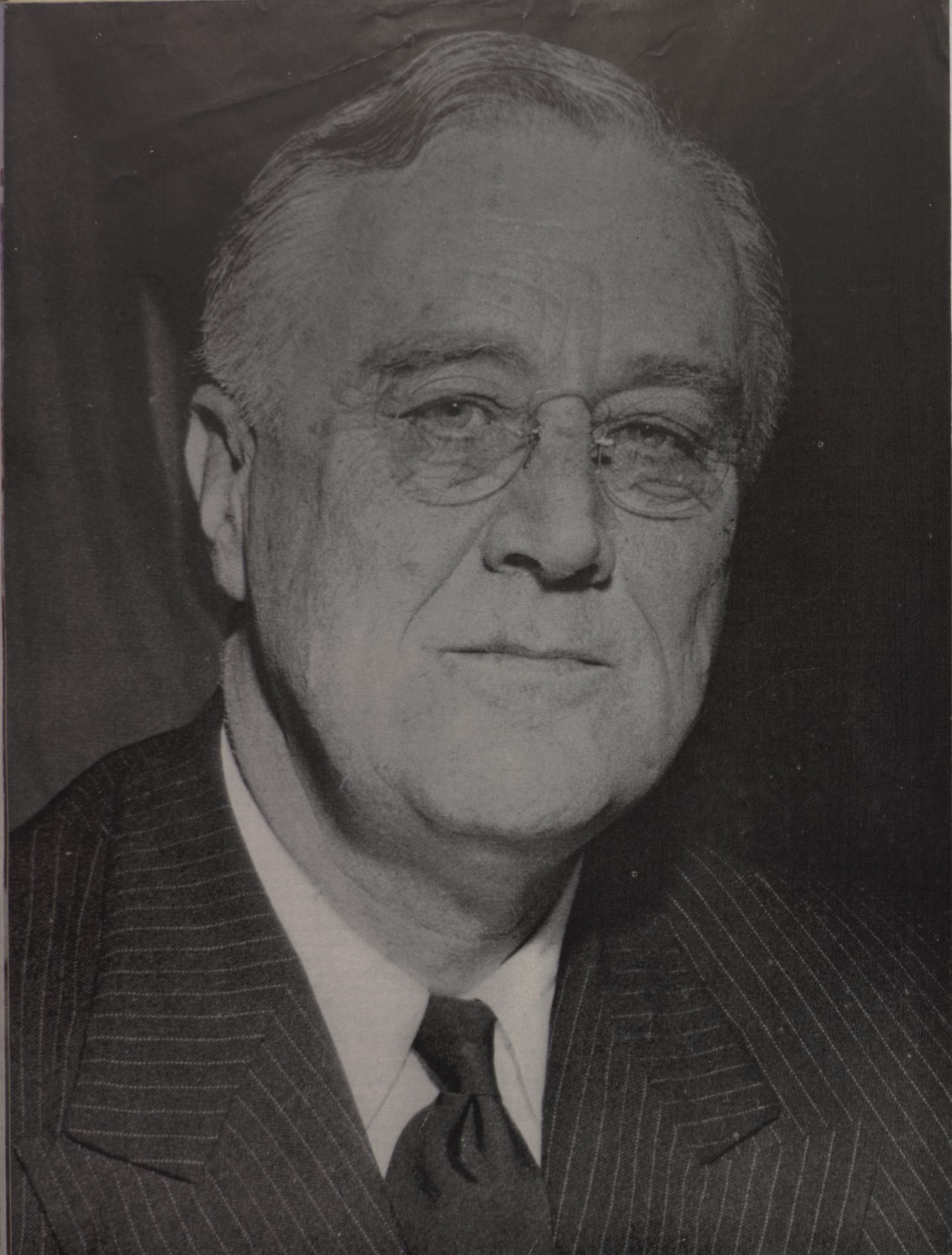
A morte já atingiu seis outros presidentes enquanto estavam no exercício do cargo. Mas nenhum tombou em momento mais crucial para o mundo, ou causou tão profundas demonstrações de pesar, no mundo inteiro, como Franklin D. Roosevelt.

Em tôdas as nações aliadas foram-lhe prestadas as mais expressivas provas de admiração e saudade. E nas outras repúblicas americanas o sentimento predominante foi o da perda de um grande, sincero e inescquecível amigo. No Vaticano, S.S. o Papa Pio XII expressou o seu "profundo pesar", e enviou ferventes votos de felicidade ao Presidente Truman.

Nos Estados Unidos, o povo em massa, homens, mulheres e crianças, não conteve suas lágrimas quando o trem que conduzia o corpo do saudoso presidente deixou a estação de Warm Springs, seguindo para a capital da nação. Em Washington, o caixão mortuário, envolto na bandeira nacional, foi colocado num armão de artilharia, sendo conduzido para a Casa Branca, seguido de várias unidades das forças armadas. A multidão que, compungida, assistia à passagem do féretro, era o comovente símbolo de uma nação em luto.

Um soldado que se achava ao lado de monumento e jazigo de outro grande presidente, que dirigira a nação durante a grande crise da guerra civil, observou: "Abraham Lincoln tem estado só há muito tempo."

Da Casa Branca, depois dos serviços religiosos, o corpo do Presidente Roosevelt foi conduzido para o seu lar em Hyde Park, Estado de Nova York, onde foi sepultado com tôdas as honras de Chefe de Estado.



FRANKLIN DELANO ROOSEVELT. NASCIDO EM 30 DE JANEIRO DE 1882. FALECIDO EM 12 DE ABRIL DE 1945



HARRY S. TRUMAN. TRIGESIMO-SEGUNDO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

ROOSEVELT — O BOM VIZINHO

OS Estados Unidos, o continente americano e o mundo herdaram de Franklin D. Roosevelt uma nova concepção de bom vizinho. E' um conceito que se radicou e avulta na grandeza de sua significação porque Roosevelt o lançou em bases sólidas, que representam as mais legítimas aspirações de seus compatriotas.

Os doze anos de sua carreira, como presidente, constituem um interessante curso no desenvolvimento da forma de pensar de uma nação. Teria sido fácil para um presidente assumir o cargo, em 1933, e entregar-se unicamente aos problemas de ordem interna. Os Estados Unidos estavam temporariamente indiferentes, graças aos efeitos da grande crise econômica mundial. Mas a nação ouviu então com especial interesse a garantia expressa nas palavras do novo chefe do Poder Executivo: "A única coisa que temos a temer é o próprio temor." E encarando o mundo exterior que o cercava, aditou: "No terreno da política mundial dedicarei esta



Harry Truman e o Presidente Roosevelt eram bons amigos. Aqui os vemos planejando a campanha eleitoral, depois de terem sido indicados candidatos do partido

nação à política da boa vizinhança — do vizinho que resolutamente se respeita a si mesmo e porque assim o faz, respeita os direitos dos outros — o vizinho que respeita as suas obrigações e respeita a santidade de seus acordos feitos com vizinhos, num mundo de vizinhos."

A lealdade para com as responsabilidades decorrentes da boa vizinhança conduziram a nação através de muitos dias gloriosos, assim como de muitos episódios desoladores nesses doze anos que chocaram o mundo. Através de tais acontecimentos — a crise econômica, as nuvens ameaçadoras da guerra que se aproximava; a borrasca que assolou o mundo; a construção de uma estrutura para a manutenção da paz — durante todo esse empolgante período, o povo dos Estados Unidos manteve-se firme ao lado daquele que ele havia escolhido para ser seu líder e intérprete. Elegeram-o para quatro períodos presidenciais consecutivos, dois mais do que a república havia conferido a qualquer de seus predecessores, numa prova eloqüente de que a política exarada pelo presidente era a própria política do povo.

A braços com problemas econômicos, a nação se certificou, durante o governo do Presidente Roosevelt, da íntima afinidade existente entre as condições internas e as economias externas, em toda parte. Tarifas foram reduzidas, acordos recíprocos foram ampliados a outras nações, e mercadorias e serviços passaram a ser partilhados entre nações amigas, principalmente entre as da família interamericana. De 1930 a 1940, os bons vizinhos enfrentaram graves responsabilidades. No mesmo ano em que Franklin Roosevelt foi primeiro eleito Chefe da Nação norte-americana, Adolf Hitler assumiu o poder. E ao impôr este a sua "nova ordem", primeiro sobre a Alemanha, depois sobre vastas áreas, aumentou a tensão de espírito em todo o orbe.

"A paz, a liberdade e a segurança de 90 por cento da população do mundo," preveniu o Presidente Roosevelt, em 1937, "estão sendo postas em risco pelo restante dez por cento que estão ameaçando anular toda a ordem e o direito internacional." E corajosamente apelou para que se estabelecesse a *quarentena* dos agressores, para premunir o mundo contra essa nova doença.

Quando irrompeu a guerra, a despeito dos esforços de Roosevelt para sustá-la, o presidente e os representantes do povo no Congresso apresentaram-se a enviar a assistência espiritual e material dos Estados Unidos às nações atacadas. E eventualmente, o Sr. Roosevelt — o homem que detestava a guerra — viu-se forçado a ver derramar nessa guerra o sangue de seus próprios concidadãos; a ver seus próprios filhos, como

os filhos de inúmeros outros pais consternados, mas decididos, marcharem para as frentes de batalha. Animado pelo pronto apoio e cooperação das nações americanas, o povo dos Estados Unidos, apesar de abominar a guerra e estar materialmente menos preparado para a luta do que os agressores, conseguiu realizar feitos militares que causaram passo ao próprio inimigo.

Um mês depois do ataque de Pearl Harbor, quando a situação militar das nações aliadas era bastante crítica, o Presidente Roosevelt, confiantemente, traçou a sua concepção das Quatro Liberdades, pelas quais, declarou ele, estavam se batendo as nações pacíficas do mundo; liberdades vitais, que lhes garantiam a expressão do pensamento; o culto religioso; as abrigavam das necessidades e, finalmente, do próprio temor.

Grandes acontecimentos foram se sucedendo rapidamente, prendendo a constante atenção do Presidente Roosevelt. Houve a elaboração do plano para uma organização mundial, delimitada em Dumbarton Oaks; a reunião com os demais líderes das Nações Unidas e o plano da segurança mundial, constante da Conferência de San Francisco. Estas contribuições para a cooperação internacional, sobrecarregadas pelas incessantes atribuições na tarefa de examinar e estudar planos de operações militares, assuntos administrativos internos, etc., esgotaram a vitalidade do operoso líder. Contudo, pôde viver para ver as nações, grandes e pequenas, reunidas, discutindo interesses mútuos para a fundação da paz mundial de acordo com princípios aos quais ele dedicara energias inestimáveis, num verdadeiro e abnegado sacerdócio.

Mas, como explicar a brilhante carreira de Franklin Roosevelt? A melhor explicação está na sua sincera capacidade de poder indentificar-se com os seus semelhantes.

Filho de pais abastados, Roosevelt, entretanto, não se conteve, quando reconheceu a grande verdade sobre as condições reinantes na sua própria pátria: "Vejo um terço da nação ocupando más habitações, mal vestida e mal nutrida," afirmou ele. E não tardou em dar o seu apoio à execução de numerosos projetos destinados a remediar o mal. Viajando constantemente, pôde ganhar uma nítida impressão das necessidades dos humildes, na sua terra e no estrangeiro. Tendo feito seus estudos em estabelecimentos de seleção, devotou os seus conhecimentos assim adquiridos exclusivamente para o bem público e para o objetivo de disseminar o mais possível a educação entre as camadas populares.

Desde a sua primeira eleição para senador de seu Estado natal, Nova York, quando tinha apenas 28 anos, Roosevelt viveu, trabalhou e, finalmente, morreu ao serviço da causa pública. Sua foi a satisfação de poder relatar, como relatou, próximo ao termo de sua existência, o fato de estar o "poderoso e maligno estado nazista vindo abaixo fragorosamente", e de estarem os potentados de guerra japoneses recebendo, em sua própria terra, a retribuição a que fizeram jus quando atacaram traiçoeiramente Pearl Harbor."

Roosevelt, entretanto, olhava para além da vitória das armas, contemplando com inigualável interesse a consolidação da paz que seria mais do que o fim desta guerra, uma paz que seria o começo do fim de todas as guerras.

A esta mesma tarefa, com perfeita identidade de propósito, acaba de dar o novo presidente, Harry S. Truman, as mais inequívocas garantias do seu governo. O mundo entrará na sua fase de reconstrução animado pelas esperanças e pelos ideais que justificam as conquistas da civilização.



Harry S. Truman presta o juramento, como presidente, perante o Ministro Harlan Stone, presidente da Corte Suprema, no edifício da Casa Branca

"A ORDEM É AVANÇAR"

HARRY S. TRUMAN assume o seu elevado cargo de presidente com mais de uma década de experiência no Senado dos Estados Unidos, e com íntimo conhecimento das aspirações do comum dos povos em todas as partes do mundo. Suas primeiras palavras dirigidas ao país foram de grande significação: "O mundo pode ficar certo de que prosseguiremos com a guerra em todas as frentes, com todo o nosso vigor até à vitória final. Com esta fé e com esta coragem temos que prosseguir."

Esta afirmação, juntamente com os termos do seu discurso proferido perante o Congresso, acentuando a necessidade de uma organização internacional para manter a paz, produziram na opinião pública uma impressão extraordinária, pela confiança em que se traduz a ação do novo primeiro magistrado da nação. Há ainda outros fatores que justificam o apoio unânime dado ao modesto cidadão que agora assume a suprema direção dos negócios públicos.

Dentre esses fatores ressalta o de haver o então Senador Harry S. Truman desempenhado encargos de extraordinárias responsabilidades para o sucesso do programa de guerra de sua pátria. Como presidente da comissão senatorial a cargo de investigar as despesas de guerra, sua excelsa agiu com extremado zelo no sentido de evitar delongas na produção bélica-industrial, prevenir a escassez de materiais estratégicos e sol-

ver os complexos problemas relativos ao potencial humano. Graças às suas habilidades administrativas e suas atividades parlamentares, tornou-se o único que, depois do presidente, está mais familiarizado com os problemas da guerra.

Destaca-se ainda como de primacial importância a longa experiência do novo presidente na casa do Congresso à qual compete a atribuição de estudar e aprovar todas as medidas relativas à política exterior dos Estados Unidos. O franco apoio do então Senador Truman à anulação da Lei de Neutralidade; ao programa de acordos recíprocos do Secretário de Estado Cordell Hull; aos acordos de empréstimos e arrendamentos, e da política de boa vizinhança, constituem relevante prova de sua opinião própria em matéria de política exterior.

Eloqüente também do vigor do conceito que havia formado a respeito da situação internacional é esta declaração feita anteriormente: "A única alternativa racional para a existente anarquia internacional está numa forma razoável de organização internacional, com a participação de todos os estados soberanos. Esta é a maior responsabilidade de todos os povos do mundo."

Filho de um modesto agricultor do vale do Missouri, o Presidente Truman sempre esteve, por natureza, muito próximo do comum dos mortais. Toda sua vida tem sido uma associação constante com gente simples,